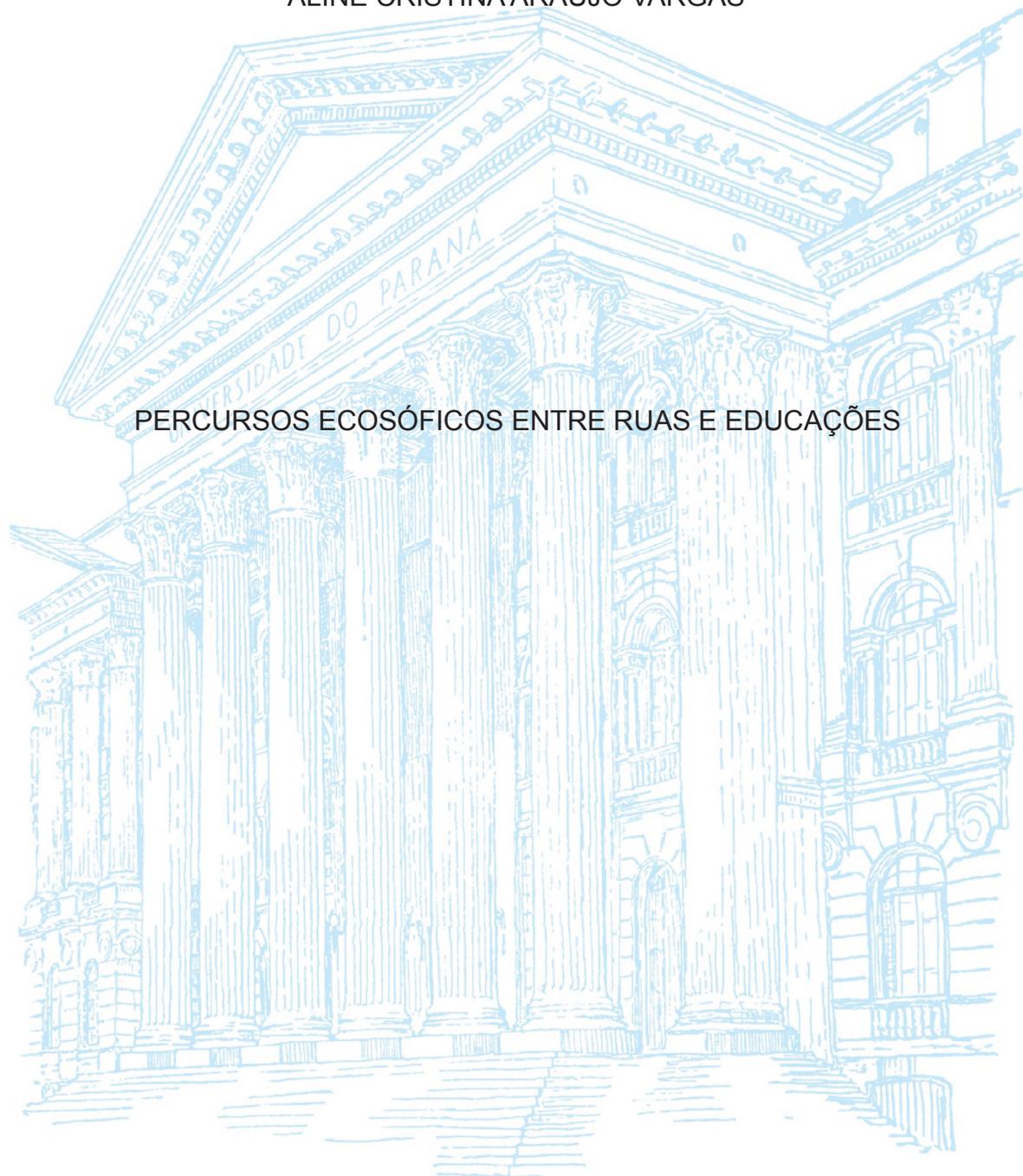


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALINE CRISTINA ARAUJO VARGAS



PERCURSOS ECOSÓFICOS ENTRE RUAS E EDUCAÇÃO

CURITIBA

2022

ALINE CRISTINA ARAUJO VARGAS

PERCURSOS ECOSÓFICOS ENTRE RUAS E EDUCAÇÃOES

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências, no Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Setor de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dra Kátia Maria Kasper

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Vargas, Aline Cristina Araujo
Percurso ecosófico entre ruas e educações / Aline Cristina Araujo
Vargas. – Curitiba, 2022.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática.

Orientador: Kátia Maria Kasper

1. Ecologia – Filosofia. 2. Ecologia urbana. 3. Cartografia. 4. Educação. 5. Vida de rua. 6. Ecosofia. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática. III. Kasper, Kátia Maria. IV. Título.

Bibliotecário: Elias Barbosa da Silva CRB-9/1894



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA - 40001016068P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ALINE CRISTINA ARAUJO VARGAS** intitulada: **PERCURSOS ECOSÓFICOS ENTRE RUAS E EDUCAÇÃOES**, sob orientação da Profa. Dra. KÁTIA MARIA KASPER, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Agosto de 2022.

Assinatura Eletrônica

23/08/2022 18:09:01.0

KÁTIA MARIA KASPER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

23/08/2022 17:56:57.0

ROBERTO DALMO VARALLO LIMA DE OLIVEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

24/08/2022 13:17:21.0

SHAULA MÁIRA VICENTINI DE SAMPAIO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

Aos amores que alimentam meu espírito
e me fazem produzir vida: Eli, José, Marco e Clara.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Kátia pela aposta, orientação na travessia, aprendizado intenso e pelos deslocamentos. Muito orgulho por estar sua orientanda.

Ao grupo de pesquisa repleto de intensidades: Gabriela, Thalita e Gizele, pelo constante incentivo, junto da Maiara, Camila, Fernanda, Victor, Liana, Jair e Franceline pelas partilhas e companhia ao longo dos processos de pesquisa.

À Prof.^a Shaula Maíra Vicentini de Sampaio e ao Prof. Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira pela leitura e grande contribuição.

À Rúbia, pela confiança, entrega e compartilhamento de vida, de amor, de potências e principalmente, da rua, da cidade e seus inúmeros aprendizados.

Ao Marco que não me deixa desistir. Ao meu pai, “sábio por natureza”, e minha mãe, que acreditou na educação enquanto libertação; e todo o esforço de ambos na educação dos quatro filhos e em compreender a diferença que mora em mim. À Clara, que ressignifica diariamente o que é o amor.

Quantas potências e inspirações. Que alegria!

Reconhecer é o contrário do encontro. (...) Quanto mais alguém se enganou em sua vida, mais ele dá lições... (...) nada de ideias justas, apenas ideias. Apenas ideias, é o encontro, o devir, o roubo e as núpcias, esse "entre-dois" das solidões. (DELEUZE; PARNET, 1998).

RESUMO

Este texto se desenha por algumas das principais ruas da região central da cidade de Curitiba, costurando com Rúbia tráfegos e jornadas. Aprendizagens marcadas pelo encontro com uma mulher com trajetória de rua. Não, com a mulher. Aprendizagens que ricocheteiam com a ecosofia e com educações. Marcas de uma mulher inventora de trajetórias e da ressignificação da cidade. Vida atravessada pela rua. Re-inventando-se. Pesquisadora-educadora-cartógrafa, sempre aprendiz, trilha pelas ruas centrais de Curitiba, compondo com essa mulher e suas marcas vitais. Trajetórias que escapam da ordem, do pré-concebido, do naturalizado. Dialoga-se com a ecosofia de Félix Guattari. Mapeiam-se linhas de fuga. Outras velocidades, múltiplas dimensões. Cartografia de práticas de resistência e liberdade. Dissidências. Cartografia como metodologia de pesquisa, como ethos de pesquisa. Delineando dimensões que se emaranham: ética, política, estética. Possibilidades de reinvenção de registros, de modos de produção de si e do mundo. Percursos ecosóficos entre ruas e educações outras; composições com Rúbia.

Palavras-chave: Rua. Educação. Ecosofia. Diferença. Cartografia.

ABSTRACT

This text is drawn along some of the main streets in the central region of the city of Curitiba, sewing traffic and journeys with Rúbia. Learning marked by the encounter with a woman with a homeless trajectory. No, with the woman. Learnings that bounce off ecosophy and education. Marks of a woman who invented trajectories and the resignification of the city. Life across the street. Re-inventing yourself. Researcher-educator-cartographer, always an apprentice, she walks through the central streets of Curitiba, composing with this woman and her vital marks. Trajectories that escape the order, the preconceived, the naturalized. It dialogues with the ecosophy of Félix Guattari. Lines of flight are mapped. Other speeds, multiple dimensions. Cartography of practices of resistance and freedom. dissent. Cartography as a research methodology. Ethics and politics and aesthetics. Possibilities for reinventing records, ways of producing oneself and the world. Ecosophical paths between streets and other educations; compositions with Rúbia.

Keywords: Street. Education. Ecosophy. Difference. Cartography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PRÉ-TEXTO ou SUB-TER-FÚGIO	14
COM-TEXTO	21
“Proibido estacionar: sujeito a guincho”	37
INTER-TEXTO	47
Subjetividade humana, relações sociais e com o ambiente	52
Atenção: Saída!	59
Coral, carmim e cereja.....	62
Reticências	71
EXTRA-TEXTO.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS ou TRANS-TEXTO	84
BIBLIOGRAFIA ou POS-TEXTO ou ENTRE-TEXTO.....	88

INTRODUÇÃO

eu passei por vários lugares assim. Já passei por várias coisas... (Rúbia)

Trata-se de um texto envolvendo algumas errâncias de duas mulheres - uma delas esta pesquisadora -, em reverberação com as ruas, com a ecosofia e com as educações em ciências. Essa pesquisa envolve algumas errâncias de sua autora, em reverberação com as ruas da cidade de Curitiba, com a ecosofia e com as educações, sejam elas em ciências e outras tantas. Inicialmente a busca acompanhava algumas mulheres em situação de rua na cidade de Curitiba. No entanto, ao longo do caminho, atravessado pela pandemia de COVID-19, o campo de pesquisa foi ressignificado. A rua foi tomada de outros modos... a rua é tomada de outros modos além do vazio e do pretense silêncio. Ainda assim, o posicionamento político, ético, filosófico, estético, ecológico e educacional segue pautado no alargamento da noção de ecosofia, de Félix Guattari (GUATTARI, 1991).

Transformações. Rompimentos. Com o passado, às vezes até com o novo, também com aquilo que fora deixado pelo caminho. Diante do isolamento e do distanciamento social impostos por um vírus e suas variantes, que incluem uma necropolítica¹ na gestão da pandemia, a rua se apresenta de outra forma nessa pesquisa: na trajetória de uma mulher. Busca-se entrelaçar cartografia, ecosofia e fragmentos da história de uma vida nômade na cidade. Vida nômade. O que pode uma vida nômade? Que fonte incontornável de inspiração é essa?

Encontros de ressonâncias. Múltiplas sensações entrelaçadas umas às outras. Veredas a serem percorridas. Chega-se a outras possibilidades de vida:

¹ Necropolítica, termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, na obra de mesmo nome, em 2018, que trata da teoria da necropolítica e a colonialidade no Brasil contemporâneo. Em diálogo com Giorgio Agamben (2015), nessa obra, o autor lança um olhar diferente para a biopolítica, se aproximando da leitura que propõe olhar para as políticas da morte como uma macroestrutura, operante em países colonizados, e seu funcionamento através da soberania que gerencia a morte e o direito de matar.

caminhos e aberturas que fogem à lógica padrão de subjetivação imposta pelo capitalismo globalizado². Outros modos de viver? Quais seriam?

Guattari realinha, re-com-põe, afirmando que o capital não é uma categoria abstrata, mas um operador semiótico a serviço de formações sociais determinadas. A função do capital envolve o registro, a regulação, a sobrecodificação das formações de poderes próprios às sociedades industriais desenvolvidas, das relações de força e dos fluxos relativos ao conjunto das potências econômicas do planeta. Tais sistemas de capitalização dos poderes em suas múltiplas formas, aparece historicamente nas sociedades mais arcaicas (capital de prestígio, capital de potência mágica, encarnando-se num indivíduo, numa linhagem, numa etnia). (GUATTARI, 1981, p. 191).

Busca por modos que escapam da principal estratégia do capitalismo. Escapem da captura dos processos de subjetivação. Escapem da prescrição capitalista dos modos, dos formatos, nos quais devem se dar as relações humanas, os modos de trabalho estabelecidos, engessados e paralisantes. Talvez, nesse caminho, primar o olhar, não os condicionamentos.

A pesquisa se debruça sobre os depoimentos de *Rúbia*³ criados em movimento, a céu aberto por lugares em que transitava. Apresenta ainda registros fotográficos urbanos, realizados pela pesquisadora, tentando fluir no trânsito de diferentes linhas. Do encontro com esta mulher atinge-se outros modos possíveis de vida. Seriam tais modos nômades?

As imagens aqui utilizadas, aliam-se com o processo de escrita. Todas elas pertencem ao acervo da autora. Surgem ao longo do mestrado, do processo de escrita da dissertação, fotografadas e tratadas, na composição com a cidade, com o texto, com *Rúbia*. Exceto a última, delineada sobre um dos inúmeros mapas acessíveis via *Google Maps*.

Para contextualizar a pesquisa parte-se da formação da pesquisadora da educação em ciências interessada por processos inventivos de vida, que conjugam

² O capitalismo como problema a ser pensado politicamente, enquanto relação tecnologia-corpo, cuja principal conexão é o poder e o desejo. Deleuze e Guattari (1997, p. 132) abordam o capitalismo tal qual a formação com uma axiomática geral dos fluxos descodificados.

³ Nome fictício.

educação, subjetividade, ambiente e sociedade; à pesquisa em si, acompanhando as pistas que Rúbia usa para sinalizar o caminho e a possibilidade de produção de outros modos de existência. A produção dos depoimentos foi possível após algum arrefecimento dos casos da COVID-19, a partir de novembro de 2021. A esta altura, depois de mais de 600.000 brasileiros mortos pela pandemia. Boa parte dos adultos vacinados. Alguns adolescentes. Crianças, não antes dos 5 anos de vida, até meados de julho de 2022, quando autorizado as pessoas de 3 e 4 anos.

PRÉ-TEXTO ou SUB-TER-FÚGIO

Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. (SUELY ROLNIK, 2007).



Um pouco dos percursos formativos dessa pesquisadora, que vão sendo construídos antes e durante a pesquisa. Marcas dos encontros invisíveis.

rua... mulher... pública... (Rúbia)

Começo. Desde sempre curiosa. Exposição aos riscos de explorar o desconhecido, já na primeira infância. Esperando por saídas, ainda embrionária, ainda sentada, já com a corda no pescoço. Queimada na largada. Atropelada algumas vezes pelo que viria. Resistir não parecia uma escolha. Produziu-se a teimosia. Errâncias de um corpo que se “com-institui”. Atualizações.

No início dos anos 2000, um pouco mais ao Sul da Ilha de Vera Cruz, o encontro com a psicologia. A experiência era pouca para o conhecimento matemático que transbordava. A maioridade? Vizinha. Assim como o desejo de navegar, da compreensão de si, do outro e do mundo. Entender por que as coisas são como são, sensações e sentimentos, reflexões sobre o pensamento.

Expansões. Da mente, dos pulmões, da respiração. Instruções cibernéticas não foram suficientes. Algoritmos e inteligências artificiais não contemplavam os novos quereres. As redes e complexidades já se davam em outra ordem. Instruções milenares de terras distantes sobre um tal equilíbrio integrado fora da dicotomia e do binarismo mente-corpo. Primeiro distanciamento do ensino formal. Ainda por pouco tempo até a reaproximação acadêmica.

*Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,
Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade é um excesso, uma violência,
Uma alucinação extraordinariamente nítida
Que vivemos todos em comum com a fúria das almas,
O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas
Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos.*

*Quanto mais eu sinta, quanto mais como várias pessoas,
Quanto mais personalidade eu tiver,
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
Estiver, viver, sentir, for,
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro afora [...].*

FERNANDO PESSOA (1992, p. 84)

Início da formação da psicóloga, em busca de intensidades. Impactos. Reaproximação da vida acadêmica. A vontade falava de vida. Da compreensão das intenções humanas, de jeitos de seres humanos, como se carregassem em si um sentido. Uma ética da singularização.

Interrupção da jornada após um abismo de estranhamentos. Para que serve mesmo a psicologia? Mais um dos dispositivos coloniais-capitalísticos (ROLNIK, 2018), introduzidos pelo capitalismo financeirizado e neoliberal, definido pelo sequestro dessa força já no brotar de seu impulso germinador de mundos? Imprescindível preservar a ética, assim como é urgente reconhecer a articulação das esferas sociais na produção de subjetividades.

No livro *Diálogos*, Gilles Deleuze e Claire Parnet contam que o deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 19). Resta então atravessar os desertos, algumas vezes encontrando oásis, noutras miragens e areias movediças. Mas o que surge ao atravessar o deserto? Pretensão em entender a esfera micropolítica do mal-estar que nos habita. Micropolítica? Pistas que indicam a existência também de uma macropolítica. Na sequência, o retorno aos conceitos.

A essa altura, segundo distanciamento do ensino formal. Mergulho dentro de si, no processo psicoterapêutico e em outros estudos não tão ortodoxos. Ciclos de contato, diferentes fronteiras, diferentes modos de ser. Mecanismos de defesa, estilos singulares. *Gestalt*⁴. Convicção. Retorno. Após, graduada, a clínica define o território, mas não por muito tempo, ou pelo menos não apenas... Apego à perspectiva exposta por Guattari (1990, p. 55), sobre o quanto a reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos. Desenha-se um campo, também para produzir a possibilidade de sair dele.

⁴ *Gestalt*: Palavra alemã que ao pé da letra significa forma. A ideia de uma apreciação estética dos fenômenos visuais é inerente. Na psicologia aparece como teoria que considera os fenômenos psicológicos como totalidades organizadas, indivisíveis, articuladas, isto é, como configurações. Já nas artes plásticas, posicionamento que afirma serem a carga emocional e os conceitos estéticos atributos de uma obra de arte, não de seus espectadores (HOUAISS, 2001, p. 1448).

Desde o início o pensamento caminhava dando ênfase à responsabilidade, a possíveis experiências singularizantes. Aqui e agora. Com destaque para a importância do vínculo na autorregulação e nos ajustamentos criativos comuns aos indivíduos. O meio ambiente e o contexto social necessariamente inclusos. Pistas de políticas de subjetivação dissidentes. Potência clandestina (ROLNIK, 2018).

Romantismos à parte, já na primeira formação em uma abordagem teórica que “guiasse” a atuação enquanto psicóloga, houve a percepção da incredulidade de determinismos e de reduções mecanicistas do existir e agir humanos. Fazia mais sentido a liberdade, ainda que implicasse em responsabilidade. Negar a angústia só trouxe ansiedade. Descrições fenomenológicas⁵ passaram a compor o trabalho.

Criatividade processual. Engendramentos. Ritornelos existenciais. Territórios existenciais. Um ritornelo complexo - aquém dos da poesia e da música - marca o cruzamento dos modos heterogêneos de subjetivação. (GUATTARI, 2012, p. 27). Conceitos que ainda não compunham o *setlist*, mas serão desenvolvidos ao longo desta história.

Formada e formatada, legalmente habilitada, pretendo ao mesmo tempo extenso repertório terapêutico, experiência clínica, “formações” gritando a necessidade de um contato amplo, pleno, relacionado ao outro, ao campo, à vida. Até então buscando do lado de fora confirmações para o lado de dentro.

E, antes que se desvaneça, que formação é essa?

Começo pelas crianças, inúmeras, frequentemente encaminhadas pelo ensino formal. Causava espanto a priorização da clínica sobre a escola para os pequenos. Um tempo depois chegam os adultos... Mas as categorizações não convêm, caso isso conviera algum dia. Diagnósticos, enrijecimentos patológicos do princípio identitário (KASPER, 2016), encaminhamentos e relatórios escolares, anamneses, redução da complexidade dos processos de subjetivação ao “sujeito”,

⁵ *Fenomenologia*: no pensamento setentista, descrição filosófica dos fenômenos, em sua natureza aparente e ilusória, manifestados na experiência aos sentidos humanos e à consciência imediata; na filosofia de William Hamilton (1788-1856), a descrição imediata, anterior a qualquer explicação teórica, dos fatos e ocorrências psíquicas; E. Husserl (1859-1938), método filosófico que se propõe a uma descrição da experiência vivida da consciência, cujas manifestações são expurgadas de suas características reais ou empíricas e consideradas no plano da generalidade essencial [Reconhecida como uma das principais correntes filosóficas do século XX, influenciou autores como Heidegger (1889-1976), Sartre (1905-1980) e Merleau-Ponty (1908-1961) (HOUAISS, 2001, p. 1327).

manejos clínicos, intervenções familiares, autoritarismos, produção de padrões e categorias, exclusões, patologização da infância: todos saíram de alta.

As diferentes formas de saberes centrados podem impor limites severamente hostis ao que não se enquadra como valor dentro de seus parâmetros radicais ou sutis, ao que foge de sua perspectiva engessada. Ideia que exalta a maioria. Esta, não diz respeito ao comum, mas ao padrão, ao modelo imposto, independente das diferenças, as quais, nessa lógica, devem ser suprimidas. Para que todos se tornem conformes aos moldes, modelos e normas.

Guattari (2012, p. 155) aborda a possibilidade de uma ordem objetiva “mutante” que tanto pode surgir do caos atual das cidades, como de uma nova arte de viver. Além disso, essa “lógica do caos” chama para o olhar cuidadoso das singularidades, dos processos de ressingularização e de irreversibilização do tempo, incitando o possível diante do real. Dando chances às mutações que permitam diferentes modos de viver, sentir e pensar, para além daqueles modos já conhecidos e ordenados.



COM-TEXTO

O que procuro aqui: desejo. O desejo - processo de produção de universos psicossociais; o próprio movimento de produção desses universos.

(ROLNIK, 2011).

Os ares da província resplandecem ao som distante da passagem apitada pelo trem e, mais próximos, dos sinos da igreja anunciando o virar da hora. Acordar. Partir. Rua Cruz Machado, na altura da praça Santos Dumont. Os fluxos variam conforme o dia, ou a noite, ou a semana. Vê-se o Sol que insiste em nascer diariamente. Travessia pela lateral da praça Tiradentes. A preferência é pela beirada. Chega-se à rua José Bonifácio. Deve ser um problema a rua Benjamin Constant ficar distante e desfalcar a trindade da republicana Curitiba.

A ideia não é atravessar a galeria Júlio Moreira. Diversos fluxos são contínuos no Largo da Ordem. Batizada no Teatro Universitário de Curitiba antes de bater meia-noite. Memórias afetivas de gingas e sambas e lavação. A estação está acima, sobre. Tubo⁶ *Pinhais-Campo Comprido*, atrás da Catedral Metropolitana. Sentido Terminal do Campina do Siqueira. Antes que a travessa Nestor de Castro se transforme em alameda Augusto Stelfeld, embarque! Observação da movimentação do entorno, que diverge ao longo do dia, mas é característica aos amanheceres. Paisagem? Sim. Território também.

Outra estação tubo, agora no terminal, pertinho do parque [*Barigui*], mas agora do ligeirinho *Curitiba-Campo Largo*, rumo à Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Pegar o biarticulado até o terminal não era a melhor opção já que teria que contar com o fluxo matinal das outras estações. Aguardar. Aqui o embarque e desembarque são intensos. A fila cresce gêmea em cada porta. Respeita-se quem desce. Entrada vertiginosa, às vezes com pequenas colisões, em busca de um lugar,

⁶ As estações tubo são pontos de parada de ônibus em forma de tubo da Rede Integrada de Transporte da Grande Curitiba, quando ocorre o embarque em nível e pagamento antecipado da tarifa.

para não percorrer a rodovia até o município vizinho em pé, ao sabor das curvas e brecadas, acidentes frequentes, assim como as obras de uma suposta “melhoria”.

Ao chegar à Região Metropolitana de Curitiba (RMC), o destino era próximo ao terminal urbano, local de desembarque. Perto do terminal rodoviário e do cemitério. Ambas as instituições, de chegadas e partidas, avizinham-se.

Gosto de gente do interior.

Do jeito que essa gente, diz que sente o amor.

É amor pra sempre e pra nunca mais.

Pois não se esquece o que não se desfaz

Quem tem o sol das manhãs

E os pés descalços no chão

Conhece a hora certa

Na luz da porta aberta

Tem sempre aberto o coração

(Cezar de Mercês, 1978)

Se quisesse, ainda em Curitiba, poderia percorrer outro caminho. Atravessar a rua Cruz Machado no nascer do dia acompanhando as diferentes nuances da boêmia e onde muitas vezes uma boa noitada persistia. Saindo também da praça Santos Dumont, saudosa “*pracinha do amor*” para os íntimos e *outsiders*. Esquina com a Ébano Pereira, vislumbrando o prédio da Secretaria de Cultura, mas agora no sentido oposto, dando-lhe a outra face. Caminho até a rua Fernando Moreira. Ou *rua dos Chorões*? No ponto final do *J62-Curitiba-Campo Largo*, ônibus metropolitano que cumpre seu trajeto quase na esquina com a rua Saldanha Marinho.

Chegar até o ônibus metropolitano demandava poucos minutos a mais caminhando. Com a possibilidade de resgatar a viagem perdida uma quadra adiante, levando em consideração o percurso do transporte. Em determinados períodos do dia não valia a pena. Balançava, chacoalhava, breques ininterruptos, sobe e desce frequente, mas a possibilidade de utilizar um ônibus apenas, com a possibilidade de

descer no seu ponto final, entre o cemitério e a capela mortuária, sempre foi uma opção atraente.

Meados de 2014, momento do início do trabalho e dos primeiros encontros formais com a população em situação de rua, enquanto psicóloga em Centro de Referência Especializado em Assistência Social para a População em Situação de Rua, equipamento da Proteção Especial, na Assistência Social em município da Região Metropolitana de Curitiba.

De lá pra cá vieram capacitações, especializações, participação de coletivos e acompanhamento de movimento social e a busca permanente por caminhos que promovessem e facilitassem a educação não formal para e com pessoas em situação de rua. Após suprido o prazo da contratação por Processo Seletivo Simplificado, o trabalho passa a se dar na capital paranaense, mas desta vez por meio de instituto de direitos humanos dedicado a esta população. Atravessamentos.

Educação em Direitos Humanos. Filosofia e Direitos Humanos. Especializações. Mais do mesmo? Para quem o ensino formal é essencial? Atração pelo subtítulo: ética, política e educação. Chegada à Filosofia da Educação, especialização do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, e encontro com Theodor Adorno⁷ e afinidade com a leitura da banalização da desumanização social. Educação.

Como o contrato com o município da região metropolitana finalizara em meados de 2016, os vínculos com a capital paranaense se intensificam. Nasce um coletivo de mulheres em situação de rua, a partir de um tal projeto de “fortalecimento”, organizado em parceria com diferentes mulheres da sociedade civil e de entidades governamentais.

Durante o ano de 2017, de acordo com o calendário gregoriano, mulheres em Curitiba se reúnem semanalmente com um objetivo comum: o “fortalecimento” de outras mulheres, em situação de rua. A intenção inicial fora ambiciosa e no decorrer

⁷ Theodor Adorno (1903-69) Filósofo social alemão de variados interesses, crítico da sociedade moderna, Adorno foi membro da Escola de Frankfurt e um dos autores da Teoria Crítica. Interessava-o particularmente a mudança social radical e rejeitou o Empirismo, o Positivismo e métodos científicos rígidos, considerando-os inadequados para descobrir maneiras de produzi-la. (JOHNSON, 1997, p. 259).

do processo o projeto acabou focando nas mulheres em situação de rua na região central da capital paranaense.

Relatos de vida partilhados. Encontros. Atravessamentos outros. Mudanças na percepção de si, das outras, do mundo e das estruturas que o sustentam. Alterações de atitudes que despertam empatia, solidariedade e alteridade, na rota da sororidade. Outros caminhos. Linhas que se apresentam em rizomas (GUATTARI, 2012). Linhas que se configuram em rede, em conexões abertas, em jogos sem fim - não arborescências e seus modelos de familiaridade, mas rizomas. Rizoma como imagem do pensamento: a-centrado e a-significante e a-hierárquico (sem uma axiomática desenvolvida). Quebra de paradigma.

Como pesquisar desinstaurando o ser de modo a-centrado? Como pesquisar e viver na imanência, no aqui agora, sem transcendência?



Atos de ressingularização. Resignificação de processos. Processos são contínuos. Aparentemente aquelas que ali estavam puderam se tornar a um só tempo solidárias e cada vez mais diferentes. (GUATTARI, 2012, p. 51). Produção de outros mundos, outros modos de vida.

Encontros com mulheres em situação de rua, mulheres que trabalham com esta população; outras mulheres, algumas mais, outras menos solidárias. Encontros vespertinos. Debates sobre diferentes questões e temas que perpassam o universo feminino, alguns de ordem institucional: saúde da mulher, direitos, família, violência, sexualidade, raça, maternidade, autoconhecimento, economia solidária e geração de renda; ainda sob o pretexto de “fortalecer” estas mulheres.

Fortalecer. Verbo transitivo. Tornar-se ainda mais resistente. Encorajar ou reforçar aqui não necessariamente são sinônimos: um pode tratar de reprodução, enquanto o outro, criação. Invenção; possibilidade de fuga da hegemonia da perspectiva representacional. É preciso coragem! Reforços podem corroborar com determinadas condutas, sejam elas adequadas ou não, moldadas em nome de “justiça” ou “verdades” inquestionáveis. “Tentar libertar a vida daquilo que a aprisiona”⁸, do que cala. Para tornar-se mais influente, mais perspicaz. Chegada de reforços. Como se alguém tivesse o poder de conceder algo faltante em outrem. “Estímulo”. Realidade essa que se diz mais sobre o outro e menos com o outro. Convicção de saber sobre o que as mulheres em situação de rua precisam e podem ser incapazes de obter ou produzir por si próprias, se não a repetição de velhas receitas que desandaram e se repetem e permanecem indigestas.

Modos de vida minoritários. Delicadezas e sutilezas. Detalhes. Tornar mais forte. Dar algo numa via de mão única. Comover. Incitar. Na escrita deste relato, diferentes foram as questões sobre os possíveis ensinamentos e as diferentes aprendizagens. Corpos aprendizes. Corpos construídos ao longo do processo, corpos incorporados, tomados, cada um em seu caminho, ao mesmo tempo que cruzam, atravessam e deixam passar outros caminhos.

Ainda que os temas fossem pre-vistos, os encontros não o foram. A diferença prevaleceu e, diante disso, a troca foi possível. As conversas se

⁸ *Cadernos de anotações*: “Prédio da Ponte de Ferro”, Campus Rebouças, UFPR, Curitiba, 16 fev. 2022.

aproximaram. Crença ainda de portar algum repertório sobre encontros, lembrança de que o aprendizado só é possível durante o processo e que não há métricas que o comportem. Vínculos, com-posições. Tapeçaria, não colcha de retalhos. A ideia não era remendar, mas criar junto, inventar juntas. Inventar com. Estratégias coletivas de fugas inéditas.

Quatro foram os objetivos iniciais que justificavam o “projeto de empoderamento” que participamos: orientar sobre direitos fundamentais para acesso aos serviços públicos em geral; promoção da saúde das mulheres em situação de rua; retomada da formação escolar; e fomentar a reinserção no mercado de trabalho. Tais objetivos propunham promover a afirmação de mulheres, sem deixar de lado a importância do fortalecimento de vínculos entre as mulheres e a cidade para seu alcance.

O acesso a serviços ampliou entre as participantes do projeto. As trocas com outras mulheres da sociedade civil, também. A geração de renda permaneceu precária e uma das participantes retomou a trajetória escolar, concluiu o Ensino Médio, hoje supre com autonomia sua subsistência e acessa lugares que deseja.

Mas pairava a insegurança de um movimento social masculino. Insistência na condução de um projeto para e com mulheres e na manutenção de relações de poder, inclusive questionando quais eram os corpos que podiam ser chamados de mulheres. Não fazia sentido diante da proposta. Relações que se evidenciam. Microfascismos começam a surgir.

Gilles Deleuze e Félix Guattari, operando na transversalidade - transversalizando diferentes áreas do conhecimento - trabalharam com termos como micropolítica, microfascismo, territorialidade etc. visando sair do âmbito “macro” da referência a sistemas de governo para o espaço infinitesimal das “pequenas” relações cotidianas, das práticas de exceção contemporâneas que se dão nas relações mais próximas.

Na sequência, ainda durante os encontros, os companheiros das participantes marcaram presença de modo a interferir neles. Aguardavam debaixo das janelas da sala onde eram realizados os encontros, muitas vezes se manifestando e marcando sua escuta sobre o que se dizia. Numa população

predominantemente masculina, as vozes femininas somem. Frequentemente caladas, partiam, comumente, incrédulas diante da violência institucional e coletiva. O vínculo entre aquele coletivo de mulheres prevaleceu. As trocas reverberaram e repercutem até os dias de hoje.

Pretensão de facilitar aprendizados. Pretensão de algumas mulheres, operárias do sistema instituído, sobre o que é melhor para outras mulheres. Pretensão de ensinar, sem tomar conta do processo de aprendizado com cada mulher diante da multiplicidade de saberes e trajetórias.

Educação, serventia e servidão. Educação não formal. Produção de pensamentos para escapar das reproduções e das metáforas. Sílvia Gallo, ao contextualizar a filosofia da multiplicidade de Gilles Deleuze, na busca de pensar o novo afirma a importância dos encontros, pois não se produz do nada, mas nas capturas, nos roubos criativos que produzem o novo, que criam conceitos (GALLO, 2008, p. 30).

Operar microrrevoluções apesar dos modelos instituídos. Nas relações, na atenção ao menor, ao que escapa, foge. Promover microrrevoluções, sem para isso esperar revoluções. E também pensar em microrrevoluções, passíveis de realização, a partir de uma pós-graduação.

Guattari chama a atenção para as revoluções sutis. Revoluções que podem operar em nossos modos de viver e nas cidades e locais em que nos situamos a todo instante e, no entanto, nem sempre nos damos conta.

Construir sua própria vida, construir algo de vivo, não somente com os próximos, com as crianças — seja numa escola ou não — com amigos, com militantes, mas também consigo mesmo, para modificar, por exemplo, sua própria relação com o corpo, com a percepção das coisas: isso não seria, como diriam alguns, desviar-se das causas revolucionárias mais fundamentais e mais urgentes? Toda questão está em saber de que revolução se trata! Trata-se, sim ou não, de acabar com todas as relações de alienação — não somente as que pesam sobre os trabalhadores, mas também as que pesam sobre as mulheres, as crianças, as minorias sexuais, etc., as que pesam sobre sensibilidades atípicas, as que pesam sobre o amor aos sons, às cores, às idéias... Uma revolução, em qualquer domínio que seja, passa por uma libertação prévia de uma energia de desejo. E, manifestamente, só uma reação em cadeia, atravessando as estratificações existentes, poderá catalisar um processo irreversível de questionamento das formações de poder às quais está acorrentada a sociedade atual. (GUATTARI, 1981).

O último encontro presencial deste coletivo de mulheres, antes da eclosão da pandemia, se deu no início de 2020. “Dia de Rainha”⁹. União de voluntárias que creem lembrar às mulheres em situação de rua “o quão lindas e especiais elas são”, de acordo com a autora do projeto. Como ganho aparentemente secundário, o “dia festivo” mantém o reconhecimento e a solidariedade entre diferentes mulheres.

Mas será que não se referem a modos outros de rainhas, que não as europeias registradas em histórias padronizadas, vendidas como folhetins, em qualquer banca de jornais? Fechados em si. Pensar em outras rainhas. Outros modos de reinar. Pensamentos que levam até Cleópatra, Makeda, Kahina, Califia, Ndatté Yalla, Idia e tantas outras... Mas ainda assim, quem precisa reinar?

Quinta edição do “Dia de Rainha”. O evento familiar às mulheres em situação de rua na região do Centro de Curitiba. Evento com nome que se popularizou rapidamente entre as mulheres em situação de rua na capital paranaense. Rainha. Lembrança da monarquia enquanto instituição onde predominam valores patriarcais e conseqüentemente se intensificam as diferenças de gênero e a objetificação da mulher.

Mas voltemos ao evento. Escuta, acolhedora, conforme possível. Objetivos estéticos. E éticos. E políticos. A proposta do evento, segundo as idealizadoras, sempre envolveu um dia para que as mulheres que permanecem nas ruas lembrem o quão potentes são, das diferentes belezas que carregam consigo. Ou seria um dia de enaltecimento das singularidades? Será possível singularizar sendo “rainha”?

Neste ponto da caminhada é inevitável pensar nas rainhas mais enaltecidas na cultura eurocêntrica: rainhas geralmente vinculadas a um lar, à maternidade e ao papel cristalizado de esposa, daquela que não detém a posse de si. Mas aqui as mulheres não possuem tais “refúgios” domésticos e docilizantes, ainda que territorializadas. Ponto para salientar a crítica aos discursos parciais, essencialmente masculinos, sobre a condição feminina.

⁹ O evento “Dia de Rainha” surgiu há cinco anos, em 2016, encabeçado por Aline Castro Farias, voltado para mulheres em situação de rua na região central de Curitiba, PR. A última atividade, realizada no dia 08 de março de 2020, diferente das edições de anos anteriores, ocorreu integralmente na rua, em parceria com projetos sociais que forneceram alimentação e banho, além de outras mulheres da sociedade civil organizada e artistas curitibanas.

Aprendizados com mulheres com trajetória de rua não existem por si só, num certo *a priori* capacitista. Embora se deem, ao longo do processo, das experiências cotidianas conjuntas de mulheres que se reconhecem nas diferenças. As formas singulares de viver que se multiplicam, ressignificam o mundo e permitem re-apreender a ver esse mundo, ou abrir mundos. Com estas mulheres, o entendimento que aprender ultrapassa o saber, diante da imprevisibilidade que lhe é próprio. Brechas. Perspectivas que se modificam ao longo dos mundos inventados.

Aprendizados e experiências; aprendizados com experiências. Pensamentos transversais; em trânsito, em ressonância, reverberando. Todavia, aprender não se dá por geração espontânea no simples contato com o outro, com a diferença. Para Cíntia Vieira da Silva e Kátia Maria Kasper (2014, p. 726-727), aprender envolve uma abertura para alteridade, nos arrancando de territórios costumeiros. Não basta boa vontade, embora a produção dependa daquilo que se acredita. É preciso um agenciamento desejante, que implique em encontros que transbordem as estruturas previamente organizadas, inclusive da ideia do outro como modelo. Heterogeneidade como relação. Construção coletiva, não como o outro, mas com o outro.

Boa parte das pesquisas relacionadas às pessoas em situação de rua, no Brasil, até 2021, abordam aspectos de saúde (RIOS, 2020) e da segurança pública, da psicologia, da sociologia, da assistência social, da arquitetura, numa tentativa de esboçar as diferentes singularidades como uma pretensa subjetividade da rua. Representações de subjetividades produzidas por outros; não por aqueles que as encarnam. Representações.

Menos de uma semana depois da Quinta Edição do “Dia de Rainha”, na praça Generoso Marques, em frente a antiga Prefeitura, num tal Paço da Liberdade: primeiro caso confirmado de COVID-19 no Paraná.



Pare! Sinal vermelho. Parada obrigatória. Isolamento. Mudança nas rotinas. Imposição da redução da circulação de pessoas no espaço urbano. O espaço não é transparente e escancara outras facetas. A cidade não é transparente! Uso de máscaras e muito álcool em gel. Lavar as mãos o tempo todo! Cuidado com a contaminação. Interrupções legais. A polícia que era do pensamento também vigia a conduta. Mas quem dispõe de água e sabão para a higiene pessoal? Álcool em gel.

Interrupção do projeto que visava pesquisar possibilidades de formação com os diferentes modos de vida de mulheres em situação de rua, articulando com a ecosofia. Distanciamento social. Não é mais viável aglomerar, muito menos conversar de perto. Mas apesar do distanciamento social, a pesquisa precisa atravessar, mesmo em meio à pandemia, acompanhada há algum tempo, e chegar ao fim. Mas o objetivo não é o ponto final, mas o processo e suas entrelinhas.

Pesquisadora em formação. Pesquisadora em educação em ciências em reformulação. Reinvenção. Entre diferentes caminhos. Ato de pensar. Com Denise Pereira (2015, p. 19) é possível levantar a conceituação de Rolnik e Deleuze na produção de realidade: concebido e praticado por um misto de acaso, necessidade e improvisação. Produzido. Fermentado e preparado para, com os “insumos” disponíveis. Pensar com a diferença, pensar com diferentes mulheres, construir junto.

Diferentes são as mulheres e diferentes são os padrões impostos enquanto premissas para sê-las. A complexidade feminina antecede qualquer linearidade patriarcal. Não se trata de raiz, mas de rizoma. A necessidade de embasamento é constante, já julga-se necessário provar e comprovar repetitivamente. “Mulheres não são confiáveis”. Pois bem, é sobre elas....

Chega o momento de fazer a composição da base de dados para esta pesquisa: SciELO - *Scientific Electronic Library Online*; Repositório Institucional da Universidade Federal do Paraná; e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Mas quais termos utilizar? Surgem um primeiro leque: “mulher em situação de rua”, “ecosofia”, “morador de rua”, “população de rua”, “pessoa em situação de rua”, “mulher de rua”. Reduz-se a pesquisa à “mulher em situação de rua”; “ecosofia”; “cartografia”, além da inclusão da expressão “história de vida”. Em todas as buscas

de pesquisa são combinados com os conectores (AND ou OR), com o intuito de especificar cada vez mais a busca.

No primeiro caso, SciELO, encontram-se publicações que abordam vulnerabilidades sociais e de acesso à saúde de mulheres em situação de rua. Mas toda regra é carregada de frestas, de exceções, de casos que fogem à curva e algumas histórias de vida aparecem, caso d'*A flânerie de uma andarilha urbana* (STOLL, 2020)¹⁰, análise da personagem de um romance e sua relação com a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

“Não foram encontrados documentos para sua pesquisa”. Tal resposta do banco de dados só atiça a curiosidade. Novamente textos tratando de aspectos de saúde pública, mental ou social. Encontradas duas distintas: uma delas etnográfica, enquanto outra, enfim, dá pistas de estratégias de resistência¹¹.

Mais pesquisas. Muitas tratando de questões de saúde pública ou de “problemas” sociais. Etnografias começam a aparecer com alguma frequência. Formação dos trabalhadores que atuam com pessoas em situação de rua. Relatos de experiência. Descrições de representações sociais de pessoas em situação de rua. Publicações sobre animais domésticos de pessoas em situação de rua.

Até chegarmos às publicações oriundas de narrativas de modos de vida ou oficinas de criatividade/arte, mas em número reduzido. Há coincidência também com outros dois temas de publicações. Bioética. Questões de gênero.

Descontente com o resultado encontrado, houve a necessidade de busca em casa, no Repositório Institucional da UFPR¹², das mesmas palavras-chave.

¹⁰ STOLL, Daniela Schrickte. A flânerie de uma andarilha urbana. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/6mqnxg3cxZvgnMFH6q3F6vP/?lang=pt>>. Acesso em 3 mai. 2021.

¹¹AMADOR, Fernanda Spanier; FERNANDES, Daniel Rodrigues. Cidades (in)habitais: considerações sobre neoliberalismo e resistência. **Fractal: Revista de Psicologia**, vol. 28, n. 2, p. 252-256, maio-ago. 2016. Dossiê Territórios e Paisagens de Subjetificação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Acesso em 14 de agosto de 2021. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/ncmhW67N3tzNwGWCxjRd3Vg/?format=pdf&lang=pt>>.

¹² Repositório Digital Institucional UFPR. Biblioteca Digital de Periódicos. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/wp/>>.

Encontrado um artigo, de 1999, sobre crianças em situação de rua, pela *Educar em Revista*¹³.

Já as demais expressões de busca, não apresentam nenhum registro de publicação quando pesquisados. O termo *mulher de rua* apresenta apenas um registro, de 2010, em educação em saúde.

No Catálogo de Teses e Dissertações¹⁴ da CAPES a busca explode retornando diversas respostas para a busca das palavras-chave desta pesquisa, tanto de mestrado, quanto de doutorado. Pesquisa na grande área de conhecimento multidisciplinar. Área da Educação ou Ecologia. Mesmo com o uso de operadores booleanos, por exemplo “and”, e da expressão *rua*, o resultado é similar. Também aqui prevalecem análises ligadas aos problemas sociais e da ausência de políticas públicas que contemplem a questão de gênero que perpassa a rua. A violência não é apenas sexual e a vulnerabilidade vai além da possibilidade de doenças sexualmente transmissíveis e questões reprodutivas. A quem pertencem esses corpos?

Sara Almeida e Maria Waldenez Oliveira (2015), ao descreverem processos educativos da população de rua na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo, pontuam a respeito de visões distorcidas sobre a rua e seus habitantes. Como o estigma de que na rua nada ensina e pouco se aprende. Repúdio e repulso. Afronta e perdição. Negação da viabilidade de outros territórios existenciais.

As autoras partem da concepção de sujeito social que é transformador e criador. De sujeitos que “vivificam” as ruas. Produtores de saberes e criadores de um jeito de viver, de trabalhar, de ser, de estar, tramadas em opções e posturas presentes em todos os âmbitos de sua participação. A pesquisa caminha por histórias de vida, não especificamente com a geografia dos afetos, e vem carregada de esperança.

Ainda segundo Almeida e Oliveira (2015, p. 155) é necessário captar os sentidos atribuídos a esse modo de ser e estar num mundo encerrado em outro

¹³ KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência e vulnerabilidade em crianças que trabalham e vivem na rua. **Dossiê - Crianças e Adolescentes Excluídos: Ações e Reflexões**. Educar em revista, vol. 15, dez 1999.

¹⁴ Disponível em <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>.

mundo e que introjeta no mundo da rua códigos éticos, morais e comportamentais, geralmente violentos, injustos e opressivos.

Territórios existenciais. Territórios existenciais individuais e coletivos – instaurando um instrumento que pode contribuir para se proteger justamente do veneno da adesão a um modelo, a um exemplo, já aí, superestimado, exotizado e fonte de segurança. O conhecimento não se dá ingenuamente e deve, sempre, ser pensado no plural e segundo suas multiplicidades. Ao mesmo tempo, a criação política pode, também, abstrair da conversão teórica, da verdade dos princípios, que são inseparáveis das políticas homogeneizantes de mobilização e, principalmente, do julgamento, conferindo a posição transcendente de considerar, *a priori*, antes da experimentação e da conexão aquilo que é ou não criação e resistência.



“Proibido estacionar: sujeito a guincho”

Não apenas há ilhas derivadas, mas as ilhas são ‘aquilo em direção a que derivamos’. (SILVA; KASPER, 2014).



A trajetória aqui se faz figura. Trajetórias: não da formação da psicóloga-educadora-pesquisadora, mas de uma outra mulher¹⁵, sua vivência na rua e dos caminhos abertos, das linhas de fuga e de aprendizados possíveis diante da vida. A cartografia emerge rapidamente ao permitir problematizar a experiência da vida, enquanto mulheres, seja na rua, nas praças, becos, instituições, em diferentes paisagens urbanas que comportam vias e vielas, onde quer que se queira estar.

Cartografia. Não como na geografia clássica, representando através de mapas e gráficos, por meio de figuras, a ocorrência quantitativa ou a intensidade de fenômenos, como natalidade ou distribuição populacional. Cartografia de outra ordem. Seguir “a imagem dos estilhaços bifurcantes e de uma granada sempre recém-lançada na direção de nosso desalojamento” (ROLNIK, 2016). Traçados e percursos que afetam, por vezes tocam, noutras atravessam, mas sopram em diferentes intensidades nas mais variadas direções. Linhas que provocam soluços, gagueiras, re-fluxos.

Cartografia como ethos de pesquisa. Que observa e descreve as entrelinhas, os sentimentos produzidos, que atualiza a vista diante das afetações. Acompanhamento de processos. Cartografia como um modo de vida. Cartografia de trajetos inventados, encharcados do presente, dele, nele.

Toque de recolher. Até o momento ainda permanecem restrições. Falar da rua embora clausura pandêmica. Referência aos habitantes do espaço urbano, quando o isolamento torna-se prerrogativa de vida ou morte. Para as pesquisadoras Almeida e Oliveira (2015, p. 148), só somos seres com os outros. *Ex sistere*. Ainda assim, ser para os outros nos desumaniza, assim como a própria relação é desumanizada. Necessidade de ser com os outros. Dificuldades em conciliar a necessidade de estar com e viver com e compor com distanciamento social.

O conhecimento sobre si próprio pode se encontrar prejudicado na imersão em uma realidade insensibilizadora como a rua. O desafio poderia ser a superação de situações opressoras por meio do reconhecimento crítico que se dá através de ações transformadoras que possibilitem a busca de outros modos de existência.

¹⁵ Tentando não perder de vista que a feminilidade não é uma condição natural das pessoas e que envolve tanto uma construção histórica variável, quanto ideológica. E que a feminilidade também se apresenta como uma ferramenta de regulação da sexualidade feminina, dentro daquilo que a heteronormatividade preconiza: uma heterossexualidade feminina doméstica e familiar.

Operar com a cartografia. É possível operar com a cartografia, mas será possível estabelecê-la enquanto metodologia para o trabalho em questão? A premissa envolve acompanhar processos, pro-posições e com-posições, produções. A formação dessa pesquisadora perpassa os fluxos. Formação e transformação. Uma cartógrafa aprendiz (PEREIRA, 2015, p. 33). Uma outra forma de criar pesquisa. Assim como outros modos de vida e resistência que possibilitem ressingularizações.

Movimentos de dobras. Dobras da aprendizagem do método, que permite um olhar para a própria formação da psicóloga-educadora-pesquisadora-cartógrafa. À medida que vai sendo afetada pelos encontros, pelas intervenções. Podemos entender esse processo de aprendizagem como uma experiência, aqui pensando com Jorge Larrosa (2004) no que nos acontece, no que nos passa. Como estar atenta ao que nos acontece?

Espaços das cidades que ainda não instalaram uma arquitetura hostil. Tentativa de fuga do domínio de uma máquina, que fiscaliza, controla e pune. Cidades. Máquinas desejanter (GUATTARI, 2012, p. 142). Megamáquinas (GUATTARI, 2012, p. 152). Para Guattari, não é possível separar natureza e cultura. Cada pessoa tem a possibilidade de inventar uma forma própria, inédita, um processo de ressingularização.

Encontros com modos de vida minoritários. Relações entre humanos e “outros-que-humanos”, nas quebradas, pela cidade, pelas beiradas, nas margens, nas educações, na vida - níveis moleculares. Inventando outros modos de ser e atuar. Criação de mundos.

Roselaine Albernaz aborda a obra *As Três Ecologias*, de Félix Guattari, para falar das dobras entre as três ecologias e levanta a possibilidade de uma “formação ecosófica” através da articulação de seus três registros: ambiental, social e mental. Ecosofia e a atenção aos modos como os indivíduos interagem entre si, com o meio físico, com a sociedade e consigo mesmos. Ecosofia e novos modos de vida. Pensar, criar, inventar uma formação não representativa. “Dançar a vida, não arrastar a vida”.

Albernaz e Farina (2015, p. 208) atentam que uma cartografia está sempre em movimento, sempre se constituindo. Formada por linhas. Linhas que também se transformam: uma linha molar, dura, pode transformar-se em molecular, de segmentaridade flexível; e vice-versa, formando um rizoma, uma rede. A teia onde qualquer ponto da linha pode ser conectado a qualquer outro ponto. Rizomas. Capilaridades. Formação de uma cartografia. Neles se encontram as linhas molares e moleculares, mas, sobretudo, as linhas de fuga ou de desterritorialização. Esses diferentes tipos de linhas compõem um território existencial. Seu traçado compõe uma cartografia. Por que não pensar a formação através das experiências intensivas que nos acontecem?



No contexto vulnerabilizado da rua, o território no qual podem as mulheres existir se mostra ainda mais árido que os dos homens - se o sistema patriarcal desautoriza as mulheres enquanto regra, nas ruas o processo é ainda mais intenso diante do desprezo comum dedicado à população em situação de rua. A presença de mulheres em situação de rua pode ser mapeada como minoria entre a minoria: menos de 20% dessa população de acordo com dados oficiais (BRASIL, 2008), mudando pouco nas diferentes regiões do Brasil. A violência por elas sofrida, porém, vem de todos os lados.

Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os 'marginalizados', os imigrados (GUATTARI, 2012, p. 27). Uma vez que fogem ao padrão estabelecido, podem ser massacradas. Inevitável a busca por outros modos de viver, não apenas de sobreviver.

Lutas que ocorrem em meio à angústia e à infantilização capitalística; infantilização das mulheres, do feminino, do que foge à ficção romântica escrita por homens e a subalternização do combate à dominação machista e suas categorizações.

Compreender os mecanismos da nossa inferiorização e as maneiras através das quais nós temos nos convertido em nossos maiores vigias é compreender os mecanismos de controle de toda a população, já alerta Virginie Despentes (2016, p. 24).

Linhas de fuga. Processos. Cartografia. Ecosofia. Contágio. Conhecer por contágio enquanto devir outro na vizinhança de outrem (KASPER, 2004, p. 51). Pensar naquilo que nos atravessa e nos toca, inclusive se é o nada que nos acontece. Atravessando a cidade, atravessada por ela.



Outros modos de existir são inventados diante da situação de rua. Buscar escapar das teias do capitalismo mundial integrado (GUATTARI, 1981; 2015). Produzir, criar, inventar para viver, em processos de diferenciação permanente (KASPER, 2016). O que está posto não é aceitável. Mas como experimentar diferentes processos com diferentes mulheres diante da pandemia? Bifurcação. Encruzilhada. Mudança de rumo. Diferentes conversões.

Na rua, para as mulheres, o processo de busca por linhas que escapem ao sistema pré-estabelecido é essencial. Neste contexto, a cartografia aparece enquanto metodologia que desenha, aproxima, move e mobiliza até atravessar a rua e as mulheres que a habitam, ou que já a habitaram. Cartografias. Micropolíticas de modos de vida minoritários. Aprendidos também nas ruas. Educações outras.

O poder se dá como uma teia, transpassando toda a sociedade. Ele não ocupa um lugar específico, ou títulos específicos, mas, sim, opera de forma capilar, de modo difuso, espalhando-se por uma rede que inclui diversas instituições, como a família, a escola, o hospital... É um conjunto de forças multilaterais.

Micropolítica e macropolítica. Tudo é política! A política está presente em diferentes ações humanas. E o poder? É um conjunto de forças multilaterais... A grosso modo, a macropolítica envolve as instituições, operando de forma binária. Envolve a dimensão molar.

Já a micropolítica alcança as pequenas relações, que permeiam o social, os detalhes. A realidade é tecida pela macropolítica e pela micropolítica. A micropolítica opera no detalhe, com o composto heterogêneo de crenças e desejos. Envolve a dimensão molecular. Deleuze e Guattari acenam para a necessidade de não menosprezar a micropolítica: qualquer tipo de resistência ao poder dominante deve pensar também molecularmente.

Mudança de paradigmas. Atualização. Trata-se, portanto, de um paradigma ético, analítico, ecosófico... e estético, atento à processualidade da criação e da resistência. Mais precisamente, um paradigma proto estético que expõe mais uma vez o tema da política, de uma política da existência inseparável da micropolítica. Aparece aí, então, a política como uma arte problemática e problematizante. É dentro dessa paisagem que iremos nos mover.

Acolher o acontecimento: Rúbia. Busca por outras possibilidades. Aprendendo a habitar o desconforto, a acolher o não saber. Colocar-se disponível para o acaso, o que não se espera, não se quer, não se precisa, não se busca de antemão... (KASPER, 2016, p. 299). Traçado de diferentes rotas de fuga diante das relações de poderes dominantes que submetem as mulheres, agravadas em algumas situações. Relações econômicas, sociais, políticas, na padronização dos comportamentos e dos pensamentos que reduzem a subjetividade. Identificar resistências. Rastrear o que foge, o que escapa dos padrões estereotipados pela sociedade, permitindo que a vida resista e re-exista e persista. Rúbia carece de cerimônia na sua apresentação que virá mais adiante.

Acolher o acontecimento: coronavírus. A contaminação pelo vírus deu-se inicialmente com a ideia de que seriam algumas semanas, não mais que quarenta dias. Passaram-se meses. Virou o ano. O caminho passou pelo segundo. Ainda não estamos seguros. Habitamos compulsoriamente o desconforto há mais de dois anos. Mudança de planos. Reconfigurações involuntárias sem perder de vista o desejo. Tudo pode mudar a qualquer momento. Tudo muda o tempo todo, assim como a direção e a força do vento.

Crítica a uma sociedade que prima pela manutenção das comparações, compartimentalizações e enquadramentos, presumindo a possibilidade de um “novo normal”. Que nega as diferentes rotas pelas quais o processo de conhecimento avança. Permanece nessa pesquisa a necessidade de discorrer sobre modos outros de viver. Mas não mais com um coletivo de mulheres em situação de rua, mas agora com alguém que, em algum momento de sua história, passou pela situação de rua, ainda mirando em cartografias de outros modos de existência, de criação, de invenção.

Mas que cartografia é essa? Que paisagens são essas passíveis de serem cartografadas? Que cartografia se pretende nesta pesquisa? Seguindo um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem acompanhada. Traçado de linhas.

Trata-se de outras paisagens. Paisagens psicossociais, também cartografáveis. Cartografia que acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos e a formação de novos. Caminho que dá língua

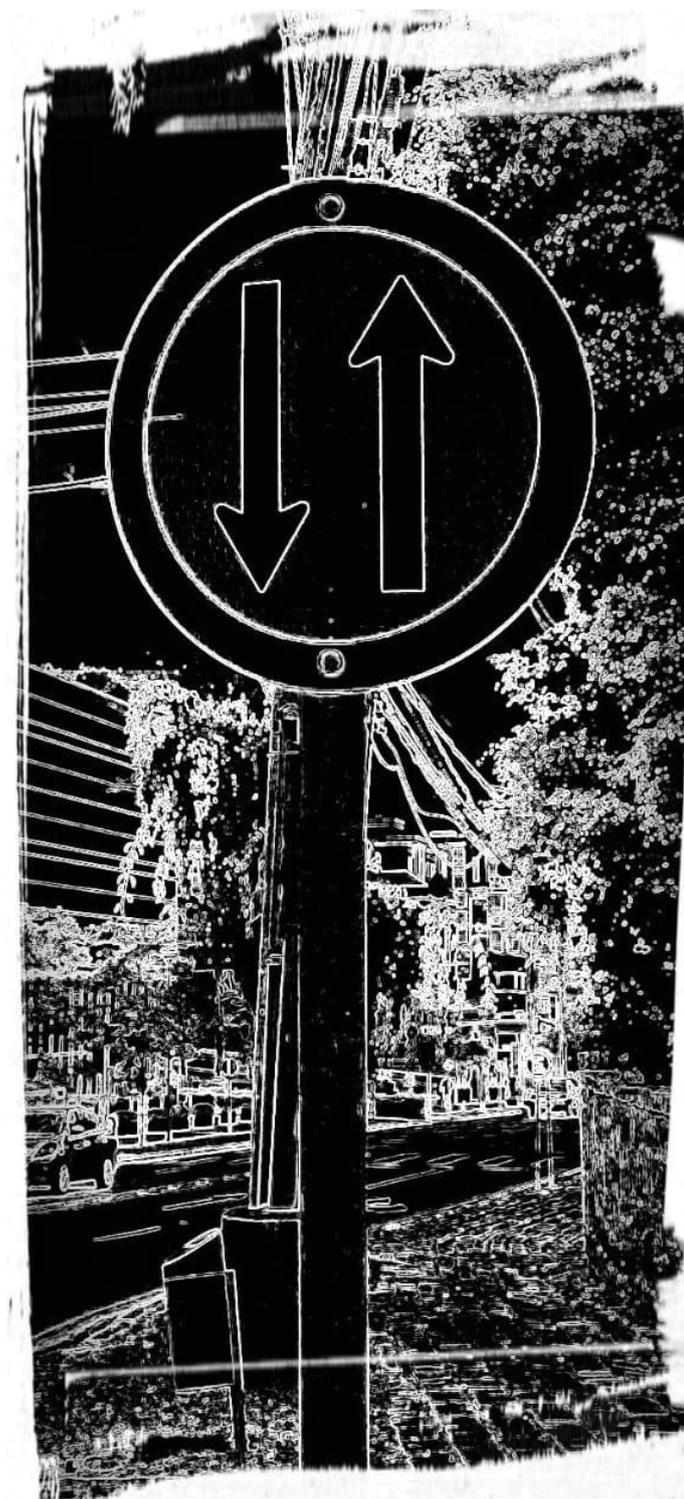
a “afetos que pedem passagem”. Esperando basicamente o mergulho nas intensidades do tempo que transcorre e que, atento às linguagens encontradas, devora as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição dos traçados que se fazem necessários. Cartografia que exige antropofagia. (ROLNIK, 2011, p. 23).

Cartografia que se dá no processo, avessa à categorizações. Padronizações. Interpretações. Pré-conceitos. Distanciamentos afetivos. Condicionamentos. Recursos tecnológicos. Ênfase em aspectos cognitivos. Lógicas empresariais. Formatação do conhecer. De que modos somos produzidos? Como produzimos o outro? Como se dá o processo de reconhecimento do outro? Percorrer territórios. Busca permanente. Nesse processo encontramos Rúbia e a invenção de si mesma.

Situações limite. Vertigem provocada pelo frio, a fome e a fadiga. Abertura de novos campos de possível. Quando a vertigem de abolição aglomera em si o conjunto dos sistemas de abolição dos outros. Territórios existenciais e a criação de um mundo através do fim do mundo. (GUATTARI, 2012, p. 80). Descentramentos. Processos de singularização. Potência de abolição ou de abalo da subjetividade capitalística. Política de produção de vida.

INTER-TEXTO

Os nômades estão sempre no meio.
(DELEUZE; PARNET, 1998).



Segue a conversa com as obras *As Três Ecologias* e *¿Que es la ecosofía?*, com a conceituação de ecosofia. Busca por uma revisão integrativa. Um panorama de diferentes metodologias de pesquisas envolvendo mulheres com trajetória de situação de rua. E define-se a pesquisa com uma delas, com a mulher e a cartografia (DELEUZE; PARNET, 1998; GUATTARI; ROLNIK, 1996).

Deslocamentos promovidos diante de diferentes modos de existir e atuar no mundo, por meio da perspectiva ecosófica, voltada para a interação dos três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana.

Para Pereira (2015, p. 44), que evoca o pensamento ecosófico de Félix Guattari, encontra-se na ecosofia social a possibilidade de desenvolver práticas que possibilitem modificar e reinventar maneiras de ser e atuar nos diferentes espaços e movimentos da vida. Assim como a ecosofia mental, na busca por reinventar as relações do sujeito com o corpo e com o mundo.

Catalisar modos e formas de coexistência que engendrem transformações subjetivas, contribuindo tanto para incrementar a relação com os outros e com o meio ambiente, problematizando a institucionalização da vida humana diante do mundo que está aí e que carece da conversão do virtual para o possível, do diferido para a diferença. (GUATTARI, 2012, p. 128).

Não existem condições ideais. Também inexitem fórmulas prontas ou moldes suficientemente eficazes que impeçam mutilações indesejadas. Necessário o fomento de processos criativos. A invenção é inevitável, ainda mais quando enfatizada a necessidade de produção do conhecimento e não de reiteraões.

O que está em questão é a potência da ecosofia na invenção de novos mundos. O reconhecimento da diferença. Ecosofia que age como ciência dos ecossistemas, como objeto de regeneração política. Mas, também, como engajamento ético, estético, político, na iminência de criar novos sistemas de valorização, um novo gosto pela vida, uma nova suavidade entre os sexos, as faixas etárias, as etnias, as raças. (GUATTARI, 2012, p. 106-107).

Pensar com Guattari. A importância de pensar com... O convite a pensar com... Suscitar acontecimentos. Buscar resistir aos modos sociais de controle. Criar novas táticas diante dos mesmos erros. Estranhar. Divergir. Acolher o erro. Apoderar-se dos cursos, percursos, fluxos, processos, de outras lógicas e dos imprevistos. Cruzar. Atravessar. Assumir a responsabilidade e atravessar. “Sonhar (n)um mundo em ruínas”. (PEREIRA *et al*, 2019).

Aprender com o contato, nem sempre harmônico, com a diferença. Permitir ser levado a diferir de si pelo contato com o outro, dispensando moldes ou a imitação de um modelo ou a aplicação de um método. (SILVA; KASPER, 2014, p. 711). Desvelar para si mesmo o próprio estilo, assumí-lo e fazer da sua potência, exponencial.

Concepções transversais no processo de produção de outras subjetividades, que permitam simultaneamente respostas às amarrações de territórios existenciais e aberturas para universos incorporais. A mente não faz o corpo. Ao contrário, a mente se dá pela existência do corpo. Segundo Guattari, importa a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, oferecendo possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se ressingularizar. (GUATTARI, 2012, p. 17).

Micropoder e macropoder. Molaridade e molecularidade. Conceitos não comuns ao cotidiano, mas absolutamente contemporâneos. Molecularidade atuante na subjetividade individual enquanto aquela, a molaridade, no plano da produção de subjetividade coletiva e, conseqüentemente, no campo social. Mas não há separação entre os campos, mas linhas processuais que suscitam formações do desejo. Desejo e relação com o virtual. Desejo: sustentáculo de toda errância nômade.

Deleuze e Guattari, no *Anti-Édipo* (2010, p. 500) nos transportam na paisagem onírica do deserto, guiado pelos ventos e pelos obstáculos: “O desejo é um exílio, o desejo é um deserto que atravessa o corpo sem órgãos, e nos faz passar de umas das suas faces para a outra. Não é nunca um exílio individual, nem um deserto pessoal, mas um exílio e um deserto coletivo”. Desertos. Desertos oníricos, sentimentais, existenciais. Desterritorialização.

Corpos femininos desterritorializados. Assumir o poder do corpo, tomar o corpo feminino topológico é desterritorializar a história ocidental, de diferentes modos de desautorização às mulheres¹⁶. *El ser humano contemporáneo está fundamentalmente desterritorializado* (GUATTARI, 2015, p. 29).

¹⁶ *Cadernos de Anotações*, Curitiba, 14 mai. 2019.

Subjetividade humana, relações sociais e com o ambiente

Não apenas eu é um outro, mas é uma multidão de modalidades de alteridade. (GUATTARI, 2012).

Esta pesquisa iniciou como questionamentos em torno da educação não formal, mulheres em situação de rua e processos de produção de subjetividades. Com os desdobramentos da pandemia de COVID-19 ela foi aos poucos redesenhada e voltou-se para a trajetória de uma mulher, tratada aqui com o nome fictício de Rúbia.

O interesse pela pesquisa foi se constituindo em função do trabalho com mulheres em situação de rua. Dificuldades e possibilidades em processos educativos não formais. Mulheres em situação de rua. Trajetórias com a rua. Cidade. Reconstrução de territórios existenciais atravessados pelas ruas. Marginalidades e ecosofia.

Outros modos de valoração, outras lógicas, não padronizadas de existir no mundo. Outros modos de sentir, de pensar, de se relacionar... A educação não formal como processo de produção de modos de existência que escapam à lógica tradicional, determinada e capitalista. Possibilidades de re-invenção de registros, de re-significações dos modos de produção de si e do mundo. Até então, a lógica que prevalece é outra.

Com o pensamento de Guattari (2012, p. 119-120), ao tratar de um novo paradigma estético, ainda em 1992, observado no livro *Caosmose*, constata-se uma padronização da subjetividade, através de uma comunicação que elimina, ao máximo, as composições enunciativas trans-semióticas (desaparecimento progressivo da polissemia, da prosódia, do gesto, da mímica, da postura, em proveito de uma língua rigorosamente assujeitada às máquinas escriturais e a seus avatares *mass-mediáticos*).

Rótulos. Divisões. Fragmentação que aniquila e ressignifica, impedindo atualizações. Paradigma vigente que insiste em buscar padrões, que prioriza as

categorizações, as classificações. O que não cabe, segundo essa linha de pensamento, é o menor, o minoritário.

Perigo! Imprescindível manter ativo o contato para não se perder. Independente do naufrágio, manter-se ancorado de tempos em tempos. Reinvenções em relação às semióticas de subjetivação, por meio da produção de ambientes, de aberturas a experimentações individuais ou coletivas, para possibilidades outras de vida. Abertura. Atenção. Presença. Assim entendemos a ecosofia.

Mapeamento de criações de modos outros de existir, de lugares onde o direito de existir na rua se encontra com a educação não formal e possíveis deslocamentos provocados. Enveredar por outros caminhos diante da pandemia, do isolamento social, da contaminação que, quando não fatal, deixou e ainda deixa sequelas. Encontro com esses modos diferentes de existência poderia proporcionar a necessária desterritorialização do olhar e do pensar. Unir-se aos seres de borda para tornar-se outro, escapar, fazer fugir. (KASPER, 2016).

Atenção ao dobrar uma esquina
Uma alegria, atenção menina
Você vem, quantos anos você tem?
Atenção, precisa ter olhos firmes
Pra este sol, para esta escuridão
Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão: É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte
Atenção para a estrofe e pro refrão
Pro palavrão, para a palavra de ordem
Atenção para o samba exaltação
Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão
É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte
Atenção para as janelas no alto
Atenção ao pisar o asfalto, o mangue
Atenção para o sangue sobre o chão
Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão
É preciso estar atento e forte¹⁷.

¹⁷ *Divino, Maravilhoso*, composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil em 1968, mas que ecoa em meus ouvidos na voz de Gal Costa, em seu álbum de 1969.



Pandemia... Início de 2020. Mais precisamente, primeira quinzena do mês de março - uma semana após o início oficial do Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática, da Universidade Federal do Paraná - ocorreu o primeiro caso diagnosticado no estado, não no país, de um novo coronavírus, de nome SARS-CoV-2 (coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave), causador da infecção COVID-19, que passa a devastar aquilo que é compreendido como mundo.

Perder-se da rua. Isolamento. Quarentena. “Fique em casa, vai passar!” “Novo normal”... De repente, ou não, mas pouco mais de 100 anos após a gripe espanhola, uma nova pandemia assola o mundo, principalmente os países à margem, os quais só não despencam abismo abaixo embora não seja a Terra plana.

Foi aonde eu caí... em curitiba! (Rúbia)

Queda do paraíso. Corpos em queda. Corpos que tombam. “A vida é feita de aparências e de mudanças constantes”. Processo de construção de um corpo. “Corpos nômades. Amores nômades. Devires nômades. Pensamento nômade” (*Caderno de notas, 23/11/2021*). Corpos que, diante do movimento, estão sujeitos a ferimentos. “Só não se machuca quem não brinca”.

Capacidade de ser afetado pelo mundo e perceber as diferenças. Como se produz um corpo afetado pelo mundo e capaz de captar diferenças (articulado *versus* inarticulado), como descreve Bruno Latour (2008, p. 40). Afetado pelos outros, não em si mesmo. “Um sujeito só se torna interessante, profundo, valioso, quando ressoa com os outros”.

Vamos pensar aqui, com a questão colocada em *Diálogos*, onde Deleuze evoca Espinosa: o que pode um corpo? De que afetos ele é capaz? A ideia que Espinosa inspira é de que os afetos são devires, onde ora eles nos enfraquecem, diminuem nossa potência de agir (tristeza) ora aumentam nossa potência (alegria). (PEREIRA, 2015, p. 17).

Que falta faz se perder nas ruas para se reencontrar noutros lugares, para estabelecer novos tempos, para produzir outras conexões e pensamento, para instaurar a beleza do caos. Imperativo inventar outros modos de vida.

Processos formativos de uma pesquisadora. Encontros. Ineditismos. Apreensão transversalista da subjetividade. Reconquista do nomadismo existencial. Diferentes aprendizados com mulheres em situação de rua. Atitude criativa diante da vida. Aprendizagem que escapa. Ação-reflexão e o cuidado de si, do outro e do ambiente. Aprender é produzir o novo. Inventar outros modos, percorrer outros caminhos, traçar outras rotas diante da deriva. Quantas conceituações. Lembram a vida, sua imanência, a necessidade de produção de conceitos. Velozes olhares. Corpos juntos. Aglomeração. Qualquer movimento afeta o todo (SEJANES, KASPER, 2021, p. 145).

Pensar as relações e pensar os processos. Fugir das prescrições, uma vez que não há receita nem manual de instruções. Escapar das práticas e processos formativos que possam determinar ou reforçar formas de pensar e de agir. Processos de resistência e de criação.

Era o valor que me ofereciam... (Rúbia)

Busca por outros modos de vida: de sentir, de pensar, de atuar no mundo, de viver consigo mesmo (“prática de si”). Pensar com a ecosofia envolve acolher um pensamento múltiplo sem atribuir juízo de valor, mas se colocar junto a esse fluxo de forças. Não simplesmente aceitar o mundo da forma que ele é. Necessidade do reconhecimento da problemática em que se está inserido para aprender a cuidar de si e do outro, sem perder de vista que a deterioração dos recursos ambientais coloca todos em risco. Transformar o pensamento e mudar as percepções e valores vigentes.

Nesse sentido, busca-se também outros modos de pensar a aprendizagem e os processos formativos, as educações que se dão para além das instituições. Aprender, na perspectiva proposta por Deleuze, torna-se uma aventura imprevisível, uma vez que é deflagrada pelo contato com diferenças, com o que desestabiliza certezas, com o que provoca problemas novos. (SILVA; KASPER, 2014, p. 712). Estas autoras, na mesma conversa, sussurram ao pé do ouvido um pouco mais

sobre o aprender. Aprender envolve um processo sobre o qual não se tem controle, que se abre para múltiplas possibilidades. Somos arrebatados por ele. Aprender em travessia!

*Eu tinha **medo** de ser roubada. Medo de... (Rúbia)*

Aprender implica em uma exposição, uma experimentação vital, uma abertura para ser afetado pelas diferenças. Necessária certa presença e disponibilidade, um estado de alerta. A possibilidade de uma aprendizagem que se faz para além dos modelos, moldes, padrões, na experimentação. Deslocamento em relação ao já sabido, ao já conhecido, possibilitando uma abertura para a criação. Tal processo envolve riscos, pois não se trata de um caminho traçado de antemão. (SILVA; KASPER, 2014, p. 727).

Não lembro se eu tava devendo alguma coisa, acho que eu não devia nada, até tava em dia. (Rúbia)

Pensar com a ecosofia sobre modos de interação dos sujeitos entre si e com o meio. Especulações ético-políticas e estéticas diante de concepções humanas, sociais e ambientais (articuladores ecosóficos). Pensar com, aprender com, formar com... compor junto.

A articulação entre os três registros ecosóficos envolve uma maneira de inventar outros modos de vida que escapam às normas e aos padrões da lógica do capitalismo globalizado. Formação enquanto processo de produção de subjetividade, aliando a perspectiva ecosófica, nas relações entre os modos de vida – uma invenção de si - com o fazer pedagógico, que ocorre articulado com o espaço (PEREIRA, 2015, p. 44), articulado com a cidade e os que nela transitam.

*Eu fiquei um tempo no primeiro distrito, sozinha lá, **esquecida**... (Rúbia)*

Aprender em travessia! Escrita dessemelhante. Pensamento transversal, percepção que atravessa. Novos e necessários territórios existenciais. Outras paisagens. Paisagens vividas. Reapropriação cultural do ambiente. Ecosofia e a potência de suas intervenções.

Atenção: Saída!

Auto bio anarco grafia (KASPER, 2016, p. 306).



*Durante o dia era o passeio público e à noite dormia na loja omar calçados.
(Rúbia)*

Detalhes. Evidências. Marcas. Poéticas da insignificância (KASPER, 2016). Aprendizagem por contágio, por contaminação (SILVA; KASPER, 2014). Escrita como contingência. Outras lógicas nas quais é possível sentir-se seguro ao se expor, ao vulnerabilizar-se diante do outro.

*Deu condicional, não, como a gente chama? Semi-aberto? Perdão?
Progressão? Remissão? É... **cantou o alvará!** (Rúbia)*

Devir mulher, em situação de rua e outros possíveis que se anunciam. Trajetórias atravessadas pelas ruas e suas múltiplas dimensões. Movimentos de desterritorialização e territorialização de afetos (KASPER, 2016). Buscas por sentidos se desvanecem. Quedas do paraíso que permitem apreciar a paisagem. Explosões que elevam a lugares nos quais as constelações singulares podem ser contempladas.

Guattari (1981) afirmando a potência dos devires, inclusive do devir mulher, aponta que a subjetividade envolve uma multiplicidade que fala e age, mesmo que numa só pessoa. Esta apresenta uma dimensão de toda experimentação social, sua singularidade e seu devir. Fluxo permanente. Diferença, diferente, diferir por si só. Não uma identidade, mas devires. O desejo precisa de corpo. Corpo que se cria. Corpo atravessado por intensidades. Outros sentidos e outras direções.

A conversa permanece com Rúbia. Dúvida sobre o que dizer. Criar questões ao invés de repetí-las e reafirmá-las como se fossem inéditas. As questões são fabricadas como outra coisa qualquer. Inventar-se um problema. Não para chegar a algum lugar, mas para sair dele. Enquanto isso, há devires que operam em silêncio, quase imperceptíveis. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 9-10).

dez reais o quarto por meia hora e vinte, uma hora, o quarto. (Rúbia)

Em que estamos nos tornando? Quando estamos a favor e contra a maré e suas diferentes consequências no por-vir. Devir sempre contínuo, processo sem começo nem fim. Captura, uma espécie de possessão, jamais uma reprodução ou uma imitação. Escapar. Fuga para dar vasão à vida, à sua invenção.

aprender a dançar na chuva (Rúbia)

Rúbia escapa. Sanguínea, escapa de onde as linhas são de morte e não de vida. Foge sem olhar para trás. Livrar-se de situações hostis. Atravessar infernos já foi rotina. Já foi... Fugir ao controle e ao domínio seja lá do que for. Escapatória.

Conexão com uma intersecção nas forças e nas variáveis espaços-temporais mutantes, uma individuação múltipla que escapa à categorização binária corpo-espírito e esbarra na errância; uma organização outra, um movimento outro.

“Who’s that girl?”¹⁸”

¹⁸ *Who’s that girl?* (Traduzido no Brasil como *Quem é Essa Garota?*), de James Foley (EUA, 1987, 94 minutos). História de uma garota sem-teto que é acusada por um crime que não cometeu.

Coral, carmim e cereja

Devir é jamais imitar (DELEUZE; PARNET, 1998).



Ruas e linhas de fuga

Nem sábado gordo nem sábado magro: sabatina! **Tempo bom**, “céu de brigadeiro”, propício para caminhadas, ondas longas e ondas curtas. A **pandemia não acabou**, mas as medidas de segurança parecem não ser mais tão importantes assim, embora incontestável a **subnotificação dos casos**, das consequências, das mortes e a céu aberto muitos dispensam máscaras. Segurança? *Segura na mão de deus...* Ouço com frequência: **sufocar. A máscara sufoca... a COVID sufoca... su-focar**. Encontro bem depois do almoço. Acolhe um conhecido em sua casa. Começou a frequentar sua igreja. A caminhada inicia a partir da praça Rui Barbosa. A atmosfera do centro da cidade nos toma. Captura. Comércio... lícito, ilícito, regular e irregular... esbarrar em ex e velhos e novos amigos e conhecidos? **É uma opção? Não... Pessoas são lugares. Respeetivo e recíproco**. Vamos começar? Vamos... Pode começar agora? Por favor... Então, tá... é... então... logo que cheguei... voltando nosso assunto de **Rúbia, transexual maravilhosa e abençoada**. Logo quando cheguei em Curitiba... aqui no passeio público foi meu ponto de encontro, foi onde comecei a conhecer Curitiba. Então aí fiquei aqui...Aqui... Aqui já estava morando na rua... Comecei a **morar na rua em Curitiba**, porque eu não tinha... e aí ao decorrer... mas eu me sentia muito constrangida porque eu não vivi, esse não era meu ritmo de vida, mas é o que tinha no momento era **viver na rua**. Ah... então... eu ficava durante o dia aqui no passeio público e à noite eu dormia lá na rua quinze que logo mais pra frente nós vamos... vai ter fotos, passar por lá, até vou fazer como registro... Não dá para falar o nome, né? **É uma opção? Não...** Do que? De onde eu dormia? Pode... Ah, eu vou falar! Dormia na loja, no ponto da loja Osmar Calçados. Lá era à noite que eu dormia lá... já usei droga lá... Já usei droga aqui também no passeio público enquanto sobe-se o pedregulho onde aconteciam programas... Mulher da vida! Mulher de rua... mulher pública... ali pertinho de onde era o Bamerindus? HSBC? Rua quinze? Rua das Flores? Camélias... antes de chegar àquela principal que passa ônibus... Marechal? Virava à esquerda... Durante o dia era o passeio público e à noite dormia na loja Osmar Calçados. Mas já **estava cansada dessa vida** de tá dormindo, de morar na rua, e de ficar nesse ritmo de... Foi aonde eu conheci a rua Riachuelo com a Alfredo Bufren. Aí que eu comecei... a me prostituir e a traficar... **É uma opção? Não...** Os dois juntos? Os dois

juntos... tráfico e usava... não... começou em Curitiba quando comecei na **prostituição**. Conheci o **crack** lá já... Me prostituía já no Rio Grande do Sul. Mas daí cargas d'água não consegui ficar mais lá, **fugi de lá** e fui para Rio Grande, sabe? Cidade no extremo sul do litoral do Rio Grande do Sul! **É uma opção? Não...** De Rio Grande fiquei um tempo, me atirei na droga... a menina que morava... a cafetina lá era usuária e começou a botar... e conheci o crack também lá... tinha clientes... me aprofundei demais. E aí acabou que eu tive que ir embora da casa... **me mandaram embora**, né... **me expulsaram** de lá. Aí fui... fiquei um tempo numa casa lá... por droga mesmo. Tava atrasada a diária... não tava ganhando para a diária, estava **só usando** droga... **Acumulou tudo**... devendo e droga ao mesmo tempo... **me mandaram embora**, fui à pelotas tentar alguma coisa, não consegui, voltei no outro dia... na madrugada... e aí fiquei o dia inteiro na praça ali perto de Rio Grande... Foi aí onde eu fiquei o dia inteiro lá e à noite a menina me levou. Aí o namorado da minha amiga lá, que ficava com ela, que era moto táxi, me levou lá pra casa da laís e fiquei um tempo com a laís¹⁹... Aí fui... fui para Florianópolis, não tem? Morei em Indaial três-quatro meses, aí as bixas de lá já tavam se drogando aí **arrebentou... no que? No mais fraco**: que é eu... **É uma opção? Não...** Não lembro se eu tava devendo alguma coisa, acho que eu não devia nada, até tava em dia. Mas estava **usando** droga. Aí não admitia, aí botaram tudo no meu e **me mandaram pra fora**. Foi aí onde eu conheci Balneário Camboriú... fiquei um mês em Balneário Camboriú. Foi aí onde eu **caí**... em Curitiba! Aí conheci o que? O passeio público e do passeio público **me aprofundei** mais na **droga**... na **prostituição**... Tava morando **na rua mesmo**... Ai agora... é... vamos assim então... E aí foi onde eu conheci Riachuelo... Alfredo Bufren... Aí comecei a me prostituir... **É uma opção? Não...** Aí a Marta Feia saiu da cadeia e queria alguém pra guardar droga dela... e queria alguém pra **tráfico** para ela... E acabava só, ela não vendia, quem vendia era eu e acabei sendo **presa com a droga dos policiais, não com a droga dos traficantes**. A droga dos traficantes foi aparecer quando eu tentei botar fora... Eu fiquei um tempo no primeiro distrito, **sozinha** lá, **esquecida**... Foi quando tentei tirar a droga aqui pela parte da frente, foi quando o policial me viu jogando a droga fora, se não a droga não teria aparecido... Eu não ia ser **presa** com a minha droga, foi com a do policial. Aí **acrescentaram mais droga ainda**... Foi quinhentas e poucas buchas ao

¹⁹ Nomes fictícios.

total de tudo. Foi aonde eu caí presa. Fiquei **um ano e três meses trancada** na cadeia... Foi várias... **É uma opção? Não...** Tive **um pouco em cada lugar...** Um pouco no primeiro distrito... um pouco no ccp, que é a casa de custódia de piraquara... depois um pouco na... no... tem a ccp que é em são josé dos pinhais e tem um outro que eu não lembro o nome e depois da ccp aí eu caí, aí eu fui liberta. Deu condicional, não, como a gente chama? Semi-aberto? Perdão? Progressão? Remissão? É... **cantou o alvará!** Mas aí depois disso, mais pra frente, eu vou contar um pouco dessa parte do tráfico... e da cadeia que eu fiquei e da função do tráfico... Mais pra frente um pouquinho... Eu vou contar como eu **me libertei** das drogas, como eu conheci Jesus, como eu **fui perdoada** pelo meu tráfico e tinha uma dívida pra justiça. E é isso aí, isso é **um pouco de mim**, né? **Da Rúbia... Transexual, em Curitiba...** Por que o passeio? Porque aqui era **ponto de prostituição...** Era um lugar que eu podia ficar. Não conhecia nada aqui na volta, aqui em Curitiba. E aqui, isso dava dinheiro, tava **tentando a sorte** porque fazia programa... **É uma opção? Não...** No banheiro? Não... no banheiro eu usava droga. Eu ia... Depois vai ter algumas fotos do hotelzinho que fazia programa... **dez reais o quarto por meia hora e vinte, uma hora, o quarto. O programa era trinta, vinte cinco, quinze reais... Depende do que eu queria usar e... Conforme eu queria... Era loucura... Era o valor que me ofereciam...** Infelizmente quem é usuário de crack e mora **na rua se submete a qualquer tipo de coisa**, qualquer valor, por causa do maldito vício. **É uma opção? Não...** Não pensa nem no quarto pra dormir, não pensa nem no que comer. Só pensa em usar droga e beber... Muita sede? De **beber cachaça...** Dá uma loucura... assim... que tem que beber alguma coisa... Tem que ser um álcool **pra te amenizar a vontade de fumar pedra...** A cocaína seca a boca mas a droga, a pedra é pura e você quer, continua a usar mais e se tu não usar toda hora você tem que **beber um álcool para poder dá uma amenizada. É mais a expiação. É uma opção? Não...** Eu tinha medo de ser roubada. Medo de... Mas eu sentia **vontade de fazer sexo**, quando eu usava crack. Ficava bem loca pra transar. **Dava tesão.** Tem pessoas que se amedrontam, que broxam, outras que dá tesão... São várias as formas... Eu, na melhor parte, eu levantava. **É uma opção? Não...** Porque eu **sou uma mulher trans, tenho pênis ainda e nem quero tirar.** Mas eu fazia **ativa e passiva. Tanto dava quanto comia.** Mas só que a camisinha, **às vezes eu ficava broxa...** depende do cliente eu até fazia

sem camisinha. Podia ter pegado até uma doença, mas **graças a deus eu só peguei sífilis e uma vez gonorréia**. Tratei as duas. Hoje eu me cuido, não faço mais programa. **É uma opção? Não...** Mas lá pra frente eu vou contar um pouco disso... Que eu **parei com o programa...** Que eu **parei com a prostituição...** **Parei com o crack...** **Parei com os vícios...** Hoje eu estou com Jesus. Mais pra frente eu contarei essa parte. **Acho que é isso... Lamentar o temporal ou aprender a dançar na chuva? Outros pontos de referência. Sair do lugar.**

Rúbia. Vermelho. Dourada. Loira. Origem espanhola? Em meio a pandemia, o isolamento e a falta da possibilidade de sair a campo. Distanciamento social. Abordar a rua sem percorrê-la como antes. Não são possíveis, desde março de 2020, as aglomerações. Os coletivos foram privados de sua ação essencial, dos encontros presentificados.

Em 2016, o encontro. Das ruas frias para uma aconchegante feijoada promovida por movimento social. Na época, a secretaria responsável pela atenção social no município de Curitiba transportou as diferentes residentes temporárias da Casa da Mulher e LBT (serviço de acolhimento temporário disponibilizado pela prefeitura municipal e previsto pelo Decreto nº 7053/2009²⁰), para que participassem do evento promovido para a população de rua de Curitiba.

Rúbia. Rubor. Escarlata. Chega e se faz figura. Ainda em sua juventude vai para as ruas. Atravessa dois estados até chegar às ruas da terra dos pinheirais. Intensas experiências fizeram parte do itinerário. Violência. Comércio. Concepção distinta, única, embora assim como os irmãos, carregue a letra inicial do nome e a rima com os demais. Identidade familiar, todos com a letra inicial do pai.

A lei dos policiais é a lei dos homens, diz Despenes (2016, p. 32), no necessário *Teoria King Kong*. Esta mulher, poucas gerações antes de Rúbia, constata minimização da violência contra a mulher, uma vez que enquanto não é nomeada, a agressão perde sua especificidade, pode se confundir com outras

²⁰ DECRETO Nº 7.053 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.

agressões, como ser roubada, detida, presa ou golpeada. De modo que é “impossível estuprar uma mulher cheia de vícios”.

Órfã de mãe ainda na adolescência. Mundo que desaba. Cultura que aprisiona e reprime o feminino. Momento desprovido de reconhecimento, de aceitação. Ruptura. Rua. Êxodo não, mas exílio, sim. Mudança de cidade: da Lagoa dos Patos para uma serra mais ao norte. Mas “uma andorinha só, não faz verão”, conforme o ditado popular. Não é suficiente. *Qu'est-ce qui suffit*, não é pertinente nessa ocasião.

Necessidade de mudar de estado. Nem líquido nem gasoso, embora nada seja sólido, gelado, difícil para respirar, muito mais para engolir. Rua, comércio e uso de entorpecentes. Fenômenos mundanos. Fenômenos humanos. Desde que o mundo é mundo. É possível estabelecer uma causalidade específica da droga? Da mesma forma, quais linhas se cruzam no encontro de terapêuticas, sonhos e espiritualidade? Se ao se drogar produz-se linhas de fuga, quais são de vida e quais não?

Emanar desejo. Traçar diferentes caminhos, em diferentes direções. O caminho passou pelo litoral. Mar de possibilidades. Acaba atracando nesta cidade de Curitiba em 2015. O desembarque foi via rodoferroviária. Descoberta tardia de poucas amizades, mas desenvoltura em inventar modos de escapar. Trânsito que permanece, desejável e/ou necessário.

Rodoferroviária. Depois, *Baden Powell*²¹: Sempre alerta²²! Mas o território não se limita aqui e, logo, outra praça, XV. Por que muitas cidades têm uma Praça XV? Voltamos à macropolítica. Para, por ordem do poder vigente, homenagear o dia 15 de novembro de 1889, marcado pela Proclamação da República do Brasil. Nesse dia, foi instaurada a república federativa presidencialista no Brasil, em substituição à

²¹ Baden Powell, referente a praça de mesmo nome, em reverência ao movimento escoteiro, próxima à estação rodoferroviária de Curitiba. Robert Stephenson Smyth Baden-Powell nasceu na Inglaterra, de 1857. Seu pai era o reverendo H. G. Baden-Powell, professor em Oxford. Sua mãe era filha do almirante inglês W. T. Smyth. Seu bisavô, Joseph Brewer Smyth, tinha ido como colonizador para Nova Jersey (EUA) mas voltou para a Inglaterra e naufragou na viagem de regresso, de modo que não deu em nada o bisavô. Powell, militar inglês, fora considerado “herói de guerra” e o fundador do escotismo. Por incrível que pareça, o fabuloso músico, violonista brasileiro conhecido nos quatro cantos, Baden Powell de Aquino (1937-2000), fora batizado com este nome, em homenagem ao general britânico criador do escotismo.

²² Lema escoteiro, em reverência ao seu criador, B.P. - *be prepared*.

monarquia constitucional parlamentarista em vigor desde 1822. Independência. Autonomia. Descolonização?

De volta à Rua XV. Também por pouco tempo. Como medir o tempo quando se está nas ruas? Não é possível contabilizá-lo pelo relógio solar da praça Tiradentes. Talvez através da dromologia de Virilio²³ e a automação da percepção. Rua São Francisco. No ano de 1857, Curitiba tinha 12 vias consideradas mais importantes. Uma delas era a Rua do Fogo, desde 1867 registrada como Rua São Francisco. Antes disso tudo, já se chamou Rua do Hospício; do Riachuelo; e do Terço. Mas não houve uma desconexão organizada.

Quase na atual Riachuelo, mais precisamente Alfredo Bufren, logo depois de deixar de ser Tobias de Macedo, já foi lugar enrubescido. À esquerda ficava o destino. Alfredo a nós desconhecido, instigando ainda mais às conexões, relações e atravessamentos urbanos. Já Tobias (1888-1977), conhecido advogado na região.

Acesso à serviços sócio-assistenciais. Tudo permanece uma troca. Casa da Mulher e LBT. Diferentes eventos: movimentos sociais, instituições religiosas, eventos aparentemente voltados à estética. Opa! Onde há estética contextualizar-se-á também ética e política. A revolução é estética.

Em 2016, feijoada²⁴. Acolhimento por instituição religiosa para pessoas de diferentes orientações sexuais. Em 2017, serviço comunitário em escola pública, se voluntaria para continuar o trabalho de forma não remunerada, enquanto integrante da comunidade, mas é recusada pela instituição escolar, que não aceita a ideia de incluí-la num ambiente de educação formal.

Projeto “Empoderamento” das Mulheres em Situação de Rua, com o objetivo de contribuir com a Justiça de Gênero; e coordenado por instituto de direitos, em Curitiba, no ano de 2017. Rúbia abraça o projeto e a possibilidade de fomentar uma rede de mulheres que se encontram em situação de rua na capital paranaense. Pouco tempo antes, vinculara-se a uma designação religiosa para pessoas

²³ Paul Virilio, pensa o entrelaçamento multidimensional entre a experiência humana e as formas que a tecnologia assume, com uma ênfase particular no modo como a técnica afeta a percepção sensorial do homem. Fala da relação contemporânea com o processamento do tempo.

²⁴ Além de conhecido e apetitoso prato da cozinha nacional, que remonta ao período colonial; subentende-se *feijoada* como situação confusa, trapalhada, complicação, balbúrdia. Viva a feijoada!

transgênero. Fortalece vínculo com projeto de economia solidária e passa a, junto com as mulheres que organizaram o projeto, provocar outras mulheres que passaram, passam ou permanecem nas ruas, quanto a crítica às formas dominantes de subjetivação e possibilidades de reapropriação do direito à vida.

Evoco aqui o documentário de Agnès Varda, “Os catadores e eu”. Catar para confrontar a máquina do Estado. Olhar sobre a persistência, na sociedade contemporânea, daqueles que vivem da recuperação de coisas deixadas para trás (VARDA, 2000). Olhar para as insignificâncias e também para aquelas pessoas consideradas insignificantes. Para aprender com elas. Toda leitura do passado é necessariamente sobrecodificada por nossas referências no presente. (GUATTARI, 2012, p.114). Inevitável que consideremos a vida com base nas próprias experiências, o que não representa o todo. O todo é muita coisa. Resgate de uma trajetória, de outros percursos na busca de produção de vida, não daqueles pressupostos para a vida feminina, principalmente na rua. O caráter polifônico da subjetividade (GUATTARI, 2012, p. 137), descontínuo, acidental, pré-pessoal (na medida que antecede o sujeito enquanto indivíduo), grita o caráter heterogêneo e social da subjetividade. Que línguas são essas que gritam? A crítica às normatizações e naturalizações emerge de modo inevitável. Interesse maior em valorizar a capacidade de se reinventar mais do que recitar uma antologia de traumas (DESPENTES, 2016, p. 35).

Alvo nos processos: aproximação, disponibilidade, abertura, ruptura, afetos. Fuga constante do papel de julgamento, da emissão de prescrições. Caminhada rumo à política dos encontros, dos acontecimentos, e dos processos que vão compondo esta pesquisa. (PEREIRA, 2015, p. 30-31).

A história não termina próximo à praça Santos Andrade. Menos ainda dentro do Passeio Público. Hoje reurbanizado, em busca de *noivinhas*²⁵, não esconde as marcas das vivências nas pedras, sanitários, bancos em torno dos bichos para exibição e “mocós” aos arredores. Entorno. Re-torno. A história continua fora da rua, não em “equipamentos assistenciais”, mas ainda à margem, nos limites entre a cidade e a região metropolitana.

²⁵ ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo - 2ª ed, Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

Economia solidária mas não consolidada. O que mais apareceu foi um outro implicar-se. Desde o trabalho braçal ao transcendental. “Faz tudo”. Extremamente otimista, Rúbia bendiz a tudo e a todos/as. Na ordem do discurso, muitos/as outros/as lhe são anteriores.

Reticências

Há multiplicidades que não param de transbordar as máquinas binárias e não se deixam dicotomizar.
(DELEUZE; PARNET, 1998).

Fazer com. Compor com Deleuze. Compor com Guattari; com Rúbia. Fazer. Ou melhor, compor, criar com. Fugir dos dualismos simplificantes. Da máquina binária que preside a distribuição dos papéis e que faz com que todas as respostas devam passar por questões pré-formuladas, pré-moldadas, já que as questões são calculadas sobre as supostas respostas prováveis segundo as significações dominantes. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 29).

Fazer do pensamento uma potência nômade não é, obrigatoriamente, mover-se, e sim abalar o modelo do aparelho de Estado, o ídolo ou a imagem que pesa sobre o pensamento, monstro agachado sobre ela. Dar ao pensamento uma velocidade absoluta, uma máquina de guerra, uma geografia, e todos esses devires ou caminhos que percorrem a estepe. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 42).

Com-por. Fazer junto. Não parar de fazer. Fazer e re-fazer e fazer mais uma vez. E, e, e... A refundação do político deverá passar pelas dimensões estéticas e analíticas que estão implicadas nas três ecologias: do meio ambiente, do socius e da psique. (GUATTARI, 2012, p. 32). Embora haja tropeços, só não os vive quem não se entrega à caminhada. Inventar caminhos.

Rúbia no primeiro semestre de 2022, quando concedeu depoimentos para essa pesquisa, mantinha “residência fixa”. Participa de diferentes atividades nas quais percebe que pode contribuir: com seu sorriso fácil, sua história e diferentes habilidades. Casa. Lar. Refúgio. Animais de estimação. Proteção. Acolhida por sua comunidade religiosa, reorganiza os fragmentos e inventa novos campos de possibilidades. Sempre apaixonada e disposta a novas conexões e a inventar modos de reorganizar o caos.

Nem bifurcações, nem binarismos. Abertura de possíveis. Saídas. Escapes e rotas de fuga. Subjetividade do fora. (GUATTARI, 2012, p. 104). Cartografias de trajetos inventados. Acontecimentos que transbordam entre pessoas. Entre trânsitos.

Ruas e pessoas. Cidades entre pessoas. Cidades invisíveis. Trânsitos e movimentos. Deslocamentos. Nomadismos. Desterritorialização. Produção de outros sentidos, sentimentos. Impactos capazes de produzir movimentos, outras formas de vida.

Não se trata de capturar subjetividades...



28'14" 04 Borboleta

Sábado. De novo o sétimo dia! Final de semana: alegria do proletário! Acessar a cidade pelas bordas. Acessar a cidade nas dobras. Quente! Criar... inventar outros modos para dar conta do caos. Na macumba, dia de iansã; senhora das almas, dos ventos, das tempestades, dos raios, deusa pagã dos relâmpagos... *Tempo bom, tempo ruim... O sol partido ao meio no meio tarde.* Dia de comer acarajé. O tempero não é da bahia, mas vem do maranhão. **É uma opção? Não... Beber... Se loquear... Bem por aí...** A gente tem que pagar o quarto primeiro... primeiro garantir o do quarto... **Eu fumava até o quarto** [gargalhadas]! Ai, eu fumava até o quarto... [risos] Eu já pagava adiantado, o do quarto, pra não fumar... às vezes eu fumava o do quarto. Depois de começar a fumar, raramente eu pensava... Quando eu pensava... **Dá a primeira bola... já era!** [silêncio]. Tem que botar o nome do novo? Ou não precisa? Como você quiser falar... Mas eu posso falar onde eu estou? Em primeiro lugar... Então tá bom! Posso começar? **É uma opção? Não...** Por favor... É... continuando nosso... retrocedendo nossa... retrocedendo a nossa, o nosso trabalho iniciado em dia de **zumbi** e hoje, dia de iansã... já vi no celular... [risos] Estamos hoje aqui na **praça generoso**... na praça santos andrade... então, há muito tempo que... dois mil e dezesseis? Por aí... é! Não... não... Dois mil e... Dois mil e dezesseis? Dois mil e... é... dois mil e dezesseis, isso mesmo! Então... dormia muito, estava **cansada** às vezes... às vezes eu estava muito **cansada** mesmo... ficava de **virada** fumando... fumava muita pedra... Aí meu canto de dormir era lá no teatro guaira e aí eu acordava de manhã e ia lá pra cima, trabalhar na rua riachuelo com a alfredo bufren... mas, tinha um pequeno probleminha... tinha dias que eu ficava de **virada**, eu nem dormia. Ficava lá na riachuelo. Aí chegava uma hora que eu não aguentava mais ficar acordada... não tinha nem dinheiro, nem pedra, nem bebida... tava **cansada**, com sono... **suada**, loca pra tomar um banho e nada... **cansada**... e vinha dormir aqui na praça santos andrade... **É uma opção? Não...** Esse aqui era meu canto... meu último... Aí pegava minhas **cobertas no bueiro**, e vinha descansar... Que bueiro? Ali em cima, na alfredo bufren, com a riachuelo, que **atravessa no meio**... **É uma opção? Não...** Às vezes eu trocava... colocava do outro lado da rua. Ou perto dos hotelzinho ali. Ficava sempre a vista, para eu poder... Então, apresentando a parte da frente do teatro,

aqui era meu recinto para... Eu vinha pra cá só quando eu estava **muito cansada mesmo, de virada**. Mas quando eu não tava cansada, era o dia todo lá em cima, na riachuelo com a alfredo bufren. E na noite de dormir era no teatro guaíra, ali **naquela dobrinha...** lá dentro lá... Ali na entradinha? Lá na recepção... ali eu me sentia segura. Tem o vigilante, o ponto de táxi... ali é claro, tem luz... tinha **muito medo de tá drogada e... já vim... passando a pira da droga, cansada e alguém vir querer me matar... me dar um tiro... botar fogo...** sabe? A gente não sabe a maldade... mas eu sempre orava. **É uma opção? Não... Quantas agressões? Não, graças a deus... Não, já sim!** Uma vez teve uma agressão a um rapaz... Vi mas não sofri. Que as meninas tavam lá em cima, lá... Aí ficaram brigando... e como aquele **ponto é um ponto de traficante e um ponto de prostituição...** pra não achar... como conheço os traficantes, conheço todo mundo que vende ali que vende droga... eu fazia sempre a... *[nesse momento uma artesã viajante, de acordo com a própria, surge, interrompe a conversa e nos convida a nos apresentarmos e a apreciar sua arte além de adquirir sua produção. Após sugerir alguns pontos interessantes para o comércio de suas obras, ela segue adiante e continuamos a conversa...]* **É uma opção? Não...** Aí voltando, então é assim: eu ficava muito cansada e eu vinha dormir aqui. Quando de virada... mas realmente, **quando eu estava de boa, ficava sempre lá pra cima**. Porque eu acordava no teatro guaíra, ia subindo, guardava minhas cobertas na riachuelo ali com a alfredo bufren, botava no bueiro, ia lá na igreja católica... na igreja catedral... Todos os dias eu fazia isso na tiradentes. **É uma opção? Não... Pedia uma proteção pra não...** Todos os dias eu falava com Jesus Cristo... pra pedir pra ele... Aí começou a unção de Deus na minha vida! **Todos os dias eu ia lá e pedia: tudo de novo hoje... por favor... não tem o que comê, tô com fome, tô cansada... mas tudo bem! Vamo aí! Fomo indo, fomo indo, fomo indo, fomo indo, fomo indo, fomo indo...** e acabou o que? **Que em dois mil e dezesseis, trinta e um de ou.. trinta e um de maio de dois mil e dezesseis, Deus mandou um anjo: uma prostituta**, que eu tinha me metido... que eu te falei daquela confusão das duas garota de programa que tavam brigando... fui defender e o cara veio e me deu um **esculachaço de facão; que eu nem sabia de onde veio** aquele cara, pra se aparecer que ele... se pirou, se pirou na minha parte... como se ele fosse o protetor dela. Só fui defender elas... Aí até hoje não entendi... não

sei por que... não entendi porque... aí ele veio. Só que na hora não senti nada! Tava **bebendo conhaque... de boa**. Mas depois... lá por quatro hora da manhã... meu deus! **É uma opção? Não...** Aí fui dormir no teatro guaira. Quando me acordei no outro dia, tava destruída, cansada... Aí eu sempre ia todos os dias na igreja católica, ali, em cima... na tiradentes. Aí nesse dia trinta e um de outubro de dois mil e dezesseis... trinta e um de ago... trinta e um de maio de dois mil e dezesseis, eu falei: pai, eu não aguento mais, ai... Todos os dias a mesma coisa, roupa no bueiro, suja, cansada, com fome... não aguento mais... não aguento mais mesmo! Foi aonde deus mandou uma prostituta. Ela falou assim Rúbia vamo lá pra casa de...? Aí fiquei lá, aí demorou um pouquinho, fiquei lá **penando um pouquinho**, aí veio a cibebe de novo. Vamos pra **casa de passagem?** Vamos pra casa de passagem Rúbia? Vamos hoje pra **casa de passagem!** Parece que foi um... Vamo! Fui lá na praça... na praça... na praça que tinha um negócio que tinha o fas, serviço de assistência social daqui da cidade... na praça osório. Tinha um ponto ali. Então ali eu falei com um dos educadores sociais e dei meu nome. Aí encaminharam nós pra casa de passagem. Aí chamaram uma... Aí ficamos esperando ali... Não sei se foi ali ou se foi aqui embaixo... Mas acho que foi lá que já ficamos esperamos já a *kombi* e então fomos pra casa de passagem. **É uma opção? Não...** Quando eu entrei na porta... quando entrei no no portão da casa de passagem eu disse: a partir de hoje eu nunca mais eu uso droga... [*fala com o dedo em riste!*] [*silêncio*] e não bebo mais! E entrei... aí tomei banho e fui me arrumando... Nessa casa eu morei um ano e oito meses. Conheci uma **igreja evangélica**. Através de uma **transexual** e de uma outra menina que fazia programa que ia lá... ficava lá de vez em quando, na casa, a Bruna e Rita. Ficavam lá, na casa de passagem. Uma não fazia programa, a outra fazia os corre dela. Aí elas me levaram... vamo conhece uma **igreja evangélica assim assim assim?** Que nem... você vai gostar... **me deram um dinheiro quando fui lá...** e não sei o que, não sei o que, não sei o que, não sei o que... E eu fui nessa igreja com elas. No começo, era na praça osório, naquele corredorzinho enquanto aponta para o imóvel que frequentava, numa sala, aos domingo... Comecei a ir, a ir, aí nós pedia autorização para a assistente social e ela liberava sempre, às vezes levava pessoas comigo, **ia sozinha...** E aí começou a provar jesus na minha vida... foi aonde... foi um tempo depois de tanto frequentar a igreja, eu entrei... eu **desci as águas...** Desci as águas, numa praia

maravilhosa, até hoje não esqueço, dezessete de novembro de dois mil e dezesseis? Não... Não... Foi dezesseis, novembro! Imersão nas águas, me batizei e hoje sou liberta há cinco anos do crack, da prostituição... Hoje sou uma pessoa liberta. **É uma opção? Não...** Congrego na igreja. Não existe mais a igreja lá do começo, que foi para **brasília**. Aí depois passamos para essa igreja que também não existe mais, que devido o nome ser lá de **são paulo**, veio um pessoal de lá com uma ação pra gente não usar mais esse nome. Hoje somos uma igreja com uma nova identidade, mas com outros membros, com uma pastora só que ficou desse povo todo... **Hoje eu sou uma pessoa liberta, curada por jesus... mas o que é ser uma pessoa curada? Curada é poder... estar lá na frente da droga ou da bebida... da bebida assim, forte, e não usar!** Um dia eu bati cocaína pra minha amiga que tá hospedada lá em casa. Bati cocaína... tava muito loca... bebi no aniversário, lá... eu dormi na casa do edi, estava eu, o fabiano e edi... e a bixa lá... a outra bixa lá... e aí bati cocaína... **fazendo as carreirinhas lá pra elas [risos]**. Eu batia pra elas, **elas cheiravam ali e eu não cheirei**. O edi fuma maconha do meu lado... **não cheiro... não fumo com ele. Não cheiro! Pedra também...** já vi gente fumando pedra... se eu quisesse fumar pedra eu já tinha pegado meu dinheiro e já tinha pegado fumar... não quero fumar... não sinto vontade... me dá... é... nojo... me dá tristeza, de quem se droga. Fico muito triste porque eu me libertei e hoje... quero fazer... que nem, a pastora, tem a pastora de santa catarina. Ela disse Rúbia, eu tenho o dom da cura, você está curada? Aí eu fiz uma reflexão uns dias depois e eu estou curada... **Então eu posso curar pessoas! É uma opção? Não... Sim...** com trabalho e independência financeira. A oportunidade, o trabalho, também facilitam... Na casa de passagem eu fiz... eu não tinha documento. Fiz documento, de menino... que eu não tinha. Nome de Rubens, aí depois aí resolvi o processo que tinha de tráfico... **tudo foi deus...** nessa casa deus começou a encaminhar... **tudo foi deus. Foi nessa casa de passagem que começou tudo... casa da mulher, lésbica, bi e transexual...** Ali na westphalen... Foi nessa casa que eu iniciei tudo, que eu comecei, me libertei, conheci a igreja... aí só fumei cigarro. Aí em dois mil e dezoito... eu fiquei morando nessa casa... eu cheguei trinta e um de de ago... trinta e um de maio de dois mil e dezesseis e saí de lá foi três de janeiro de dois mil e dezoito. Porque eu já tinha que ir pra outro... Porque meu tempo lá já tava acabando naquela

casa... tinha que ir para outro lugar. deus me mandou... **É uma opção? Não...** Fui pra Brasília! Porque nessa história de Brasília, deus é... falou com meu coração: comprei uma Bíblia e fui orando de Curitiba à Brasília. Fui num congresso dos militantes dos... não dos moradores de rua... eu sou... do movimento nacional da população de rua e eu fui no movimento nacional dos catadores... Tudo pago! Aí deus falou para eu orar e ir lá na minha família pedir perdão. Porque **quando eu era mais jovem eu pegava as coisas da minha prima... caneta... dinheiro... folha de cheque... não! Folha de cheque não! Dinheiro eu pegava mais da minha tia, um ou dois reais... dinheirinho assim... mas é... folha de... aquelas folha de coisa... de arquivo... aí! Não tinha aquelas folhas coloridas de arquivo?** Eu pegava essas folhas eu tinha doze anos, acho... aí deus tocou meu coração para eu pedir perdão... Eu não falei o que que era. Eu só fui pedir perdão. E aí elas me perdoaram... **É uma opção? Não...** Aí depois, voltando pra casa de passagem, acabou o congresso dos militantes... quando eu voltei... aí estava acabando, finalizando... eu tinha que arrumar um lugar, eu tinha que sair de lá. Mas tava em paz. E aí a minha prima me ligou pra mim se eu queria morar com ela em Brasília. Mandava passagem e tudo pra mim e eu fui morar pra Brasília. E aí acabou meu tempo na casa de passagem. Tranquei tudo lá... meu. **Tudo é um ciclo, né?** Nessa época tava com o ensino médio interrompido. Por que interrompido? Porque lá em pelotas, quando eu morava com a minha família, a minha mãe faleceu logo em seguida, eu tinha dezessete, aí passei o primeiro ano... primeiro do segundo eu passei... de boa... bem fácil! Mas o segundo do segundo foi difícil. Tinha química e física... muita fórmula, muita matemática... e **eu não sou boa em matemática.** E até então nunca tinha reprovado na escola... aí rodei de ano, **fumava muita maconha, bebendo...** e as pessoas que ficava lá... e era à noite... à noite é tudo liberado... é ruim. **Eu queria estudar de manhã! Não consegui de manhã. Consegui só à noite. Fiquei de cara... É uma opção? Não...** **Minha mãe tava viva... depois no outro ano ela faleceu.** Que minha mãe faleceu foi onze de outo... não. Onze de agos... não. Onze de junho de dois mil ela **faleceu de isquemia cerebral... tinha problema de angina... coração grande... pressão alta... meu pai batia na minha mãe... muitas coisas.** Hoje ela está... ela está há 21 anos já no reino da glória, que eu sei que **ela tá lá num bom lugar, tá com o papai do céu...** Se ela não estivesse falecido... se eu não... se ela não estivesse falecido?

Eu não estaria aqui. Não estaria em Curitiba, não estaria na igreja evangélica... não estaria... teria entrado no mundo das drogas. Lá eu só usava maconha... Eu me prostituía assim... dava uma saidinha... Mas **comecei a sair seguidamente por causa da minha mãe... não tava mais comigo, eu ficava lá fora. Eu gostava muito da minha mãe! Minha mãe era o meu pilar.** Ela se chamava Roberta, mesma inicial do nome de todos os filhos e dessa filha. Ela era meu pilar... então, se ela não tivesse falecido, eu não estaria aqui, não estaria na igreja evangélica, estaria na macumba, como pessoa eu era umbandista. **É uma opção? Não...** Hoje é dia de iansã, né? [risos] Eu era filha de iansã. **Filha de iansã com ogum passagem com oxum velha... já levei sangue na cabeça por causa dos orixás...** tudo essas coisas eu já cultuei. Hoje eu respeito mas não... Minha mãe era... **Minha mãe era macumbeira, minha mãe adorava um terreiro. Minha mãe era benzedeira** também. Benzia com capim... Tinha uma oração babadeira de encalho... de... encalho... aquela coisa, como é que a gente chama? Ela benze as costas... como é que a gente chama? Não lembro... É encalho, aresia de olho gordo, de... benzia com a tesoura, com o carvão... Ah, tinha um monte de benzimento lá. Não lembro de nenhum benzimento para benzer as outras pessoas. **É uma opção? Não...** Mas já pensou eu benzer também? Eu não cultuo mais essas coisas... Pra Jesus, como eu tô na igreja evangélica, pra isso Jesus não... não é... como é que é? não... **na minha igreja, no evangelho que eu faço parte, isso não faz parte de benzedeira.** Essas coisas assim a gente não... a gente não cul... a gente respeita. **Eu nunca pratiquei. Eu nunca fiz, eu só olhava... eu só olhava ela fazendo... mas nunca prestei atenção no que ela fazia...** Eu acho que a benzedeira é a tua fé. A tua fé e rezava um pai-nosso e ave maria. E passava um galhinho com água e se benzia e a pessoa ficava curada. Eu acho que a fé da pessoa... então. **Quebranto. Verrugas. Cascas de banana. Banha de porco. Milho. Benzeduras. Outras ordens. Outras práticas.** Depende da benzedeira. **Minha mãe era uma copinho de água, três raminhos de capim e ia lá...** tem gente que só reza um pai-nosso e ave-maria. **Da forma de cada um...** da fé de cada um... Uma prece, uma oração, de cada um... **A fé é a fé da pessoa!** Se contar, perde o efeito. **É uma opção? Não...** [silêncio] Então é isso, né? Eu tive uma libertação muito grande. São muitos lugares que eu passei... **hoje não condeno ninguém. Quem fuma crack, quem bebe, quem se prostitui... mas eu não!** Hoje

eu sou uma pessoa liberta, curada, eu estou com Jesus, faço parte de uma igreja evangélica, maravilhosa... tem coisas que vejo às vezes e não me agrado, mas depois eu não dou bola. Eu faço quando Deus está no coração, faça a tua parte e eu faço com muita devoção... E uma pastora falou pra mim... **um dia eu tava limpando a igreja pra pastora**, lá no centro... aqui... no bairro centro cívico. **E ela falou pra mim assim**, limpando a igreja bem arrumada para um congresso: **você cuida tão bem da casa do pai, que Deus está preparando o teu lar**. Já tô na segunda casa já... Eu creio que dessa casa eu devo ir pra **casa própria**, já... Isso... eu quero uma **casa própria agora**... não quero sair... passar... quero **sair do aluguel, comprar uma geladeira boa, um fogão bom, uma cama nova... não precisa ser nada novo, quero comprar uma geladeira agora, pra fevereiro, se Deus quiser... porque quero abastecer mais... assim... não verdura mas de legumes... não de legumes, mas de carne!** Que aí eu já faço uma compra grande e deixo no congelador ali e não precisa estar limpando... aquelas... de *frost-free*... não precisa ficar limpando o congelador. Então... a próxima mudança de casa será para a casa própria... em creio... em nome do senhor... em nome de Jesus. Então... é... **eu passei por vários lugares** assim. Já passei por **várias coisas**... mas essa casa de passagem foi um... um lugar assim que foi a minha libertação. **É uma opção? Não...** Me curei. Me tratei. Me libertei. Foi um tratamento... uma libertação... foi tudo... Eu tive nesse lugar, longe de tudo. Aí consegui fazer documentação... consegui fazer tudo de menino. Aí, quando eu viajei pra Brasília, quando eu voltei nem tudo mais era de menino... Agora eu **sou uma mulher transexual registrada!** Quando eu voltei de Brasília consegui fazer. Faz pouco tempo. E quem falou pra mim que era você... que tinha... Rúbia, vai lá! **Primeiro eu mudei pro meu nome social...** e aí eu fui lá no coisa e você falou pra mim: tão fazendo um mutirão lá na defensoria pública, que estão fazendo para as pessoas transexuais... e aí eu consegui. Hoje **sou uma transexual no nome, sexo feminino**... se precisa trocar o sexo? de boa... **então isso tudo é Jesus**. Jesus me abençoou em tudo! **Eu tive oportunidade e força de vontade... eu quero... eu queria mudança, eu queria libertação...** esse mundinho de droga, de dormir na rua, não vale a pena. **Dormir na rua, guardar roupa em bueiro, usar droga, ficar atrás de comida... É uma opção? Não... Cocaína** eu fiz lá em pelotas com uma casal de amigo meu... foi a primeira vez, não senti muita coisa... Eu

não era muito viciada na cocaína, gostava mais da maconha. Pedra, **crack** eu conheci em caxias do sul. Se não, não tinha conhecido o **crack**. Conheci através de uma amiga minha. Eu fazia a cinza pra ela... pra ela poder fumar e... um dia eu quis experimentar e ela me deu a lata pra eu experimentar. Foi a maior **burrada... Tudo foi uma experiência**. Eu tive que passar por isso. Conhecer tudo as coisas ruim. **Conheci prostituição, tráfico...** Conheci **prostituição** em pelotas, provei **cocaína** em pelotas, aí provei, aí fui querendo, querendo... Mãe já era falecida quando começa a prostituição. Não, não, não... foi depois! Que ela faleceu... E a **cicatriz na testa? Não lembro disso aqui. [risos]** Um dia eu tava tão no **conhaque** lá... eu me meti numa **confusão** lá... e mexeram comigo lá, lá em cima, lá perto da praça, lá... Na praça tiradentes... e eu quebrei! **É uma opção? Não...** Em pelotas **perdi os dentes**. Uma festa de exu, que eu era da umbanda... Pomba gira me deu um porre, bebi horrores! **Cheguei em casa bêbada! Caí de cara no chão... chão... e o dente racho. O que você estava devendo pra exu fazer isso contigo? Não sei! [gargalhadas]** Depois disso, aí logo em seguida, caiu o dente. Não ficou roxo, só caiu. Se tivesse feito uma restauração... aí o outro caiu. Caiu uma parte e depois outra parte. **É uma opção? Não...** Aí eu coloquei um dente em caxias... **Em caxias eu cheguei suja e sem dente!** Aí coloquei um dente em caxias... Trabalhava no centro da cidade. Tinha a rua do... eu não lembro o nome daquelas ruas lá. Eu lembro o nome da rua onde eu morava, rua bento gonçalves, mas onde eu trabalhava eu não lembro... onde eu fazia programa. Só vendo assim... **Não lembro assim bem nitidamente os nome. Aí acabou o que? Que eu peguei... fiquei um tempo em caxias e conheci o crack e comecei a fumar direto. Seguidamente. Ficava com medo... espiava... e aí vim embora de lá... fugi de lá... Aí fugi!** Outras bixas fugiram comigo, todo mundo junto. **A cafetina de lá já era... só... tirando o dinheiro da gente, tirando o dinheiro da gente, tirando o dinheiro da gente e nada e nada e nada!** Já tinha mil reais meu que ela tinha guardado pra **outra bombação de silicone**. Ia bombar mais dois litros. Tinha três e ia bombar depois mais dois. Ia ficar com **cinco litros**... com mais bunda ainda. Minha bunda ficou perfeita... só que... já foi tão grande, né? **Tudo foi um complô lá... Aí escorregou, né? O silicone escorreu... Tempestade! Alagamento e contaminação por covid. É uma opção. Não...**

EXTRA-TEXTO

O trânsito das cidades não se refere apenas ao trânsito de veículos e corpos, mas com eles, também ao tráfego de sentimentos e afetos.
(JUSTO, 2009).

Apostas ético-estético-políticas. Não seria exagero enfatizar que o compromisso ecológico futuro não será atento e prudente caso negligencie a preocupação com fatores ambientais, mas terá também como objeto as devastações ecológicas no campo social e no domínio mental. Já não se trata de um possível futuro, é a realidade hoje, aqui, agora. Sem a transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos haverá apenas medidas ilusórias relativas ao meio material. (GUATTARI, 2012, p. 153).

O mundo se apresenta em ruínas. Talvez seja interessante pensar que podemos experimentar a queda sem medo, desfrutar da queda, deixar cair, deixar-se cair. Das certezas, dos lugares estabelecidos, das verdades estabilizadas...

A ecosofia, envolvendo o estudo do ambiente, incluindo todos os organismos vivos, todas as relações sociais, todas as questões que envolvem os processos de subjetivação, inclusive como escapar ou desestabilizar modos dominantes de vida.

Podemos pensar também com André Yang, Marcos Reigota e Rodrigo Barchi, ao tratarem de uma ecosofia tropical, em uma educação ambiental canibal. Desconstrução de parâmetros reacionários e opressivos. Sentidos outros nas ecologias, nas educações e nas construções de si (YANG; REIGOTA; BARCHI, 2018, p. 266). Notamos que Rúbia desconstrói o tempo todo, inclusive valores totalitários, como o controle da vida pública e privada.

Co-existir. Coexistência sustentada por uma ética do conhecimento, do cuidado do outro, do diferente, não da apropriação. Reativar os agenciamentos

importantes para não nos escravizarmos. Des-dramatização da vida humana. Apesar das ruas vazias. Apesar do abandono que ocupa as vias. Sobre-vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS ou TRANS-TEXTO

O ser não precede a essência maquínica; o processo precede a heterogênesse do ser. (GUATTARI, 2012, p. 124).

Necessidade da reconquista do nomadismo existencial, nomadismo selvagem de desterritorialização contemporânea. (GUATTARI, 2012, p. 157). Importante a busca de uma recriação permanente de si. Nova relação com o mundo. Abertura de novos mundos (SEJANES; KASPER, 2021, p. 148). Aprender com Rúbia a construir outros mundos. Mundos que nos abriguem, nos acolham e, se possível, que adiem o fim.

A pandemia intensifica os processos do chamado Antropoceno. Processos de exclusão, de políticas de morte. Acolher outros modos de vida torna-se prerrogativa na busca por linhas de fuga, linhas de vida. Outras naturezas, outras culturas, outras educações. Acolher a multipli-cidade!

Nessa interrupção, também desmanchamentos. Desmanchar os olhares, os pensamentos, despir-se da opinião e da necessidade de respostas prontas e acabadas. Tarefa difícil, quando se tem marcas de longo tempo, atitudes naturalizadas, pensamentos condicionados. (PEREIRA, 2015, p. 33).

Cartografia de práticas micropolíticas de abalo de formas dominantes de subjetivação. Reapropriações. Preservação de corpos que desafiam a ordem disciplinar. Insurreições (ROLNIK, 2018). Descrição de processos que dão vazão à força vital em oposição aos processos de captura, redução e neutralização das subjetividades.

Ao cartografar a formação do desejo no campo social, Rolnik lança mão dos conceitos de micropolítica e macropolítica. Estas noções não se referem a uma grande e uma pequena política, correspondente ao Estado e a pequenos grupos sociais. Não se trata de proporções distintas, mas de naturezas distintas. Assim ocorre com as diferentes faces da proposição “Caminhando”, que são interligadas e inseparáveis, mas, ao mesmo tempo, localizadas em diferentes bandas da fita.

Segundo Suely Rolnik e Félix Guattari (1996), estes conceitos atuam em dois aspectos distintos: molar e molecular. Um que atua na subjetividade individual e outro que atua no plano da produção de subjetividade coletiva e, portanto, no campo social. No entanto, não há separação entre os campos, mas uma linha processual que desencadeia as formações do desejo.

Rúbia apresenta as múltiplas faces da rua: rua-casa; rua-trajetória; rua-ambiente; rua-encontro. Às vezes pode ser sobre-vida, mas constantemente, ao menos para Rúbia, lugar de vida. A relação estabelecida com a rua leva-a à relação de produção de vida. O obstáculo que se desdobra, pandêmico ou não, enquanto possibilidade, fresta, vão que permite passagem.

A questão micropolítica - ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social - diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (molar), com o que Guattari chamou de molecular. Entre esses níveis, não há uma oposição categórica, que dependa de um princípio lógico de contradição. É preciso mudar de lógica. Na física quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. Da mesma forma, as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 127).

Somos território das experiências, do que nos passa, nos atravessa e nos constitui. Mas muitas coisas se passam, porém, como diz Larrosa (2002, p. 21), ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo está organizado para que nada nos aconteça (GUATTARI, 2012, p. 21). Engendrar, em meio a batalha micropolítica, a reapropriação dos meios de reprodução: do “saber-do-corpo”, da sexualidade, dos afetos, da linguagem, da imaginação e do desejo. Relacionar-se com a cidade para relacionar-se consigo próprio. Não imitando Rúbia, mas incorporando a necessidade da diferença.

Como Paul B. Preciado provoca no prólogo à Suely Rolnik em suas *Esferas da Insurreição* (2018, p. 18), não se deve aguardar por uma chegada messiânica de revoluções moleculares produzidas no nível da economia do desejo, mas a implicação permanente numa multiplicidade heterogênea de processos micropolíticos revolucionários.

Diferentes são os modos de constituição dessa multiplicidade, que fogem ao modelo arbóreo de organização hierárquica das relações. Aqui prevalece o polimorfo, a ausência de uma direção definida, a multiplicidade como processo.

Na escrita, sou a cartógrafa (ROLNIK, 2007). Tornei-me uma, vivendo o processo. Busco permanecer à espreita. Tornar-se vulnerável aos processos de invenções e às forças que habitam o mundo e que se constituíram em experiências vividas. Intensidades que nos tiram de onde estamos, nos movem. Invenção de estratégias para imergir em um território existencial, conforme fomos arrastadas pelo campo de forças que compõem aquele território. Esta cartografia segue os vetores da ecosofia (GUATTARI, 1990). Se deixa levar. Vai além de uma simples metodologia, pois incorpora os três registros apontados por Guattari, tecendo uma articulação das relações ambientais, sociais e mentais.

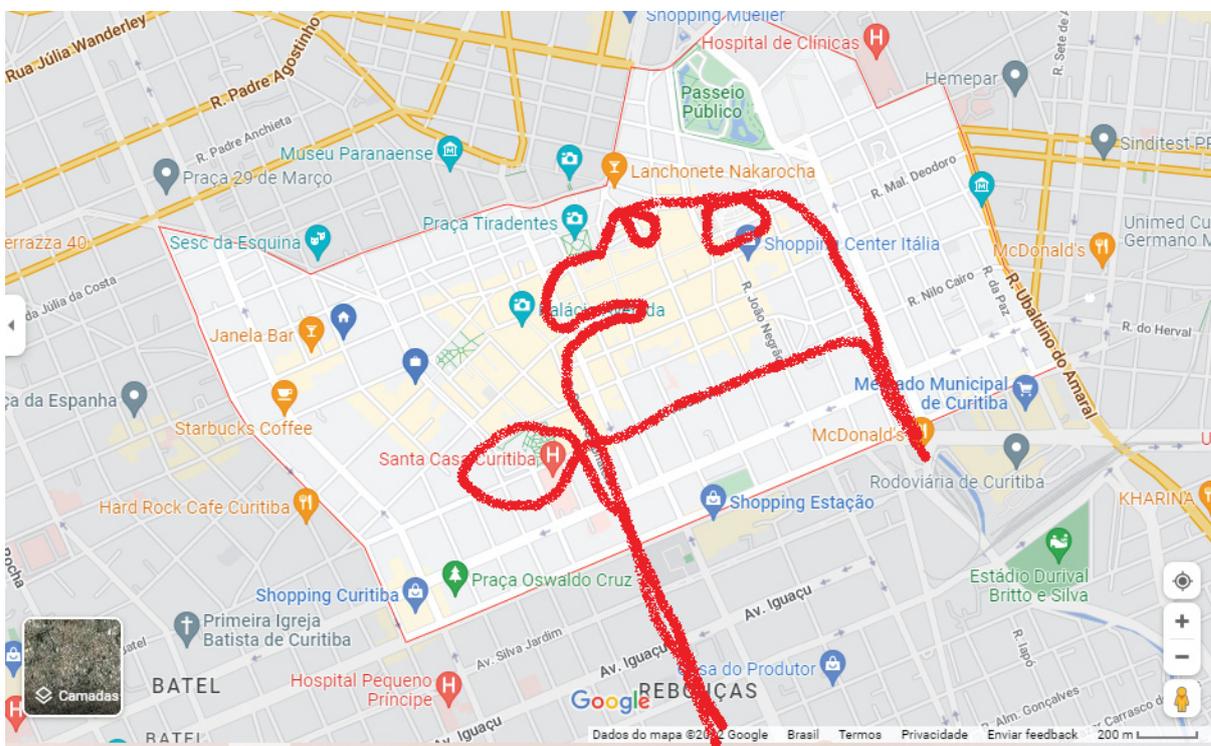
Diferentes pessoas frequente e repetidamente se reúnem e traçam o caminho para a apropriação, para um pensar sobre os diferentes direitos instituídos por leis e ordenamentos tecnocráticos: de geração de renda e inclusão produtiva por meio da economia solidária, de moradia, de alimentação adequada, de acesso à saúde e à educação, de ir, vir e permanecer, de existir.

Modos de esboçar diferentes possibilidades no aprendizado com mulheres em situação de rua fora o propósito dessa pesquisa, antes da COVID-19. No entanto, com o isolamento social, buscou-se com esta investigação, de modo geral, esboçar diferentes linhas de fuga geradas diante dos possíveis aprendizados com uma mulher que encontrou na rua, outros modos de vida: invenção de novos modos de subjetivação e domínio de si, acreditando nas potências singulares da vida e do pensamento. Ao mesmo tempo em que se acompanha também os processos formativos da pesquisadora.

Cartógrafa-educadora. O aprendizado não finaliza com esta pesquisa, continua, dobra e desdobra. Inicia com a uma escrita ingênua, presa na ilusão biográfica. Atenta à história e não à geografia dos afetos. Descoberta de uma ciência poética e visceral ao mesmo tempo. Inclusive, de qual tempo falamos depois de Paul Virilio? Pesquisa. Resgate do sonho e da imaginação: de tramas e linhas que costuram saídas, de fugas.

Ao longo do processo de escrita diferentes vozes ecoaram. Como compor com um texto. Como compor com Rúbia. Porque Rúbia. Quais autores conversam. Comunicação. Comunicação com a orientadora, na orientação, com os colegas orientandos. Comunicação com a instituição. Formalidades. Prestação de conta. Requisitos. Estatutos e obrigações. Produção. Composição. Encontrar potências. Encarnar potências. É preciso coragem para escapar sorrateiramente.

É possível criar outras composições, outros saberes e formas de relação, mais abertos e sensíveis aos acontecimentos. E também modos mais irreverentes no trato das coisas. O processo de encontro com as ruas deslocou esta cartógrafa aprendiz do início ao fim. Da impossibilidade das ruas ao reencontro com a cidade e com Rúbia. Permitiu arrebatamentos, êxtases estéticas, dores da travessia e invenção de possibilidades .



Fonte: Google Maps

REFERÊNCIAS ou PÓS-TEXTO ou ENTRE-TEXTO

ALBERNAZ, Roselaine Machado. **Formação ecosófica**: a cartografia de um professor de matemática. Rio Grande: FURG, 2011. Tese de Doutorado em Educação Ambiental. Disponível em <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2896/roselainealbernaz.pdf?sequence=1>>. Acesso em 20 mai. 2021.

ALBERNAZ, Roselaine Machado; FARINA, Cynthia. Formação ecosófica de uma professora de matemática: experimentação cartográfica. **Revista Teias**, [S.l.], v. 16, n. 42, p. 208-221, maio 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24542/17522>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ALMEIDA, Sara Ferreira de; OLIVEIRA, Maria Waldenez. O mundo da rua educa: processos educativos da população de rua na cidade de São Carlos. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 24, n. 43, 11, 2015. Disponível em <<https://revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/1321>>. Acesso em 28 jul. 2021.

AMADOR, Fernanda Spanier; FERNANDES, Daniel Rodrigues. Cidades (in)habitais: considerações sobre neoliberalismo e resistência. **Fractal: Revista de Psicologia**, vol. 28, n. 2, p.252-256, maio-ago. 2016. Dossiê Territórios e Paisagens de Subjetificação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. Porto Alegre. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/ncmhW67N3tzNwGWCxjRd3Vg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 14 de agosto de 2021.

AYRES, Isabel Gomes. **Cartografia de uma formação**: natureza, ecosofia e suas ressingularizações. Instituto Federal Sul-rio-grandense: Pelotas, 2017. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia. Disponível em <http://biblioteca.ifsul.edu.br/pergamum/anexos_sql_hom81/00003a/00003ac0.pdf>. Acesso em 31 mai. 2021.

BRASIL. **Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. Brasília, DF: MDS, SAGI; Meta, abr. 2008. (Sumário Executivo). Disponível em <<https://fpabramo.org.br/acervosocial/estante/pesquisa-nacional-sobre-populacao-e-m-situacao-de-rua/>>. Acesso em 02 nov. 2020.

COSTA, Marisa Vorraber (Organizadora). **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

D'ALBUQUERQUE, A. Tenório, **Dicionário espanhol-português**. Belo Horizonte: Ed. Livraria Itatiaia, s/d.

DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 95-117, abr. 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rieb/a/m9S6Cn7yqLFmftGHfddCk5b/?lang=pt&format=pdf#:~>>

[:text=Conceituando%20uma%20pol%C3%ADtica%20radicalmente%20diferente.ao%20mesmo%20tempo%20que%20a](http://text=Conceituando%20uma%20pol%C3%ADtica%20radicalmente%20diferente.ao%20mesmo%20tempo%20que%20a)>. Acesso em 22 nov. 2021.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de: RIBEIRO, Eloísa Araújo. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. 2. ed. Tradução de: OLIVEIRA, Ana Lúcia de; NETO, Aurélio Guerra; COSTA, Célia Pinto. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 5. Tradução de: PELBART, Peter Pál; CAIAFA, Janice. São Paulo: Editora 34, 1997. Disponível em https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-g_-_guatarri-f-mil-platos-capitalismo-e-esquizofrenia-v-5.pdf>. Acesso em 04 dez. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. 1. ed. Tradução de: ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. São Paulo: Editora 34, 2010.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FOME. Cristiano Burlan. Produção: Henrique Zanoni, Cristiano Burlan. Brasil. 2015. Drama/Ficção. P & B.

FREITAS, Cledione Jacinto de; JUSTO, José Sterza. A produção de indesejáveis no espaço urbano: o caso dos trecheiros. **Revista Percurso - NEMO**. UEM, Maringá, v. 13, n. 1, p. 81-107, 2021. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/54533>>. Acesso em 30 jul. 2021.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. 3. ed. Tradução de: ROLNIK, Suely Belinha. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de: BITTENCOURT, Maria Cristina F. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely B. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2. ed. Tradução de: OLIVEIRA, Ana Lúcia; LEÃO, Lúcia Cláudia. Rio de Janeiro, Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofia?: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud**. 1.ed. Buenos Aires: Cactus, 2015.

GUATTARI, Félix. **Ritornelos**. Tradução de: LENCASTRE, Hortência Santos. São Paulo: N-1 edições, Coleção Lampejos, v.2. 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 p.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução de: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

KASPER, Christian Pierre. **Habitar a rua Campinas**: Unicamp, 2006. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280488>>. Acessos em 24 mai. 2021.

KASPER, Kátia Maria. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? **Pro-posições**. Campinas, UNICAMP. v. 20, n. 3, set/dez 2009, p. 199-214. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pp/a/Fks7Q6yXMmhtTZkKFYYTtKM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 20 mai. 2021.

KASPER, Kátia Maria. Eco-lógica: Efigênia entre arte e vida. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 331-344, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132014000200331\lng=en\nrm=iso>. Acesso em 02 dez. 2020.

KASPER, Kátia Maria. Perambulações entre travessias e devires em cartografias de-formativas. VICENTINI, Paula Perin; CUNHA, Jorge Luiz da; CARDOSO, Lillian Auxiliadora Maciel. (Org.). **Experiências formativas e práticas de iniciação à docência**. 1.ed. Curitiba: CRV, 2016, v. 2, p. 295-314.

KASPER, Kátia Maria; TÓFFOLI, Gabriela. Errâncias: cartografias em processos de-formativos. **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, v. 36, n. 72, p. 85-98. 2018. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666/444>>. Acesso em: 27 out. 2020.

KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência e vulnerabilidade em crianças que trabalham e vivem na rua. Dossiê - Crianças e Adolescentes Excluídos: Ações e Reflexões. **Educar em revista**, vol. 15, dez 1999. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.191>>. Acessos 1 jun. 2021.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. Tradução de: PRAÇA, Gonçalo. Organização de: AKRICH, Madeleine; BERG, Marc em NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (Org.). **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Edições Afrontamento, Porto: 2008. Disponível em <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>>. Acesso em 7 jul. 2022.

LINS, Daniel. O pensamento nômade: Nietzsche: Vida Nômade ou Estadia Sem Lugar. **Revista Lampejo** - revista eletrônica de filosofia e cultura, vol. 6, n. 2, pp. 271-286, (p. 272-273), Fortaleza, CE, 2018. Disponível em <<https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/2249>>. Acesso em 22 nov. 2021.

MARTINS JÚNIOR, F. N. A “multidão” hardt-negrina: apontamentos críticos. **Revista Videre**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 98-115, 2021. Disponível em

<<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/13163>>. Acesso em 10 abr. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 pp.

OS CATADORES E EU (LES GLANEURS ET LA GLANEUSE). Agnès Varda. França, 2000. 82 minutos. DVD/4 Color.

PEREIRA, Ana Paula Valle; MARTINS, Daniel Ganzarolli; PEREIRA, Lais de Paula; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em castas do fim do mundo. **ClimaCom – Povos Ouvir – A coragem da vergonha** [Online], Campinas, ano 6, n. 16, dez. 2019. Disponível em <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ana-paula-valle-pereira-daniel-ganzarolli-martins-lais-de-paula-pereira-shaula-maira-vicentini-de-sampaio-ficcoes-no-antropoceno-sonhos-decompostos-em-cartas-do-fim-do-mundo>>. Acesso em 11 nov. 2021.

PEREIRA, Denise Aparecida Lima. **Experiência, Singularização, Ecosofia: cartografia de processos de formação**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p.127. 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/49118/R%20-%20D%20-%20DENISE%20APARECIDA%20LIMA%20PEREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 set. 2020.

PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. São Paulo: FTD, 1992. (Grandes leituras).

PINTO, Nicole Soares. Ecologia com espírito dentro: sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno. **Caderno IHU ideias**, Universidade do Vale do Rio Sinos, Instituto Humanitas, São Leopoldo, ano 19, n. 316, v. 19, 2021.

RIOS, Ariane Goim, SEIXAS, Clarissa Terenzi, CRUZ, Kathleen Tereza da, JÚNIOR, Helvo Slomp, MERHY, Emerson Elias, SANTIAGO, Sílvia Maria. A produção do comum como estratégia de cuidado para usuários complexos: Uma cartografia com mulheres em situação de rua. **Ciência e Saúde Coletiva** [periódico na internet] (2020/Jul). Disponível em <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-producao-do-comum-como-estrategia-de-cuidado-para-usuarios-complexos-uma-cartografia-com-mulheres-em-situacao-de-rua/17665?id=17665>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

ROLNIK, Suely Belinha. Geopolítica da cafetinagem. **Textos Transversais** [blog], Viena, EIPCP - European Institute for Progressive Cultural Policies, 10/2006. Disponível em: <<https://transversal.at/transversal/1106/rolnik/pt>>. Acessos 08 out. 2020.

ROLNIK, Suely Belinha. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, Ed. UFRGS, 2007.

ROLNIK, Suely Belinha. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de; MARTINS, Daniel Ganzarolli. Corpos-ecos-ecologias pelas ruas da cidade. **Espacios Transnacionales** - Revista Latinoamericana-Europea de Pensamiento y Acción Social, n. 14, p. 7-14, ene./jun. 2020. Disponível em <http://espaciostransnacionales.org/wp-content/uploads/2020/09/ET_14_Sampaio1.pdf>. Acesso em 06 mai. 2020.

SANTOS, Juliano dos; KASPER, Kátia Maria. Andanças: pesquisa e formação como processualidade subjetivante. **Educação: Teoria e Prática**, v. 26, n. 53, p. 595-611, 12 dez. 2016. Disponível em <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11643/8066>>. Acesso em 1 set.2021.

SEJANES, Thalita Alves; KASPER, Kátia Maria. Educações selváticas entre corpos e cidades. **Linha Mestra**, n.44, p.142-149, mai./ago. 2021. Disponível em <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/572/818?fbclid=IwAR05khDVFEnEs4L6xxHfCTghB36X0_U8cOZ6GEYnaNOgdsepaBcnj30gYhOA>. Acesso em 25 set. 2021.

SILVA, Cíntia Vieira; KASPER, Kátia Maria. Diferença como abertura de mundos possíveis: aprendizagem e alteridade. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 711-728, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22815>>. Acesso em: 2 dez. 2020.

STOLL, Daniela Schricke. A flânerie de uma andarilha urbana. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e57230, 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/6mqnxg3cxZvgnMFH6q3F6vP/?lang=pt>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

VAZ, Tamiris. Devir-descarte: habitar transbordamentos. **ClimaCom** [online], Campinas, ano 5, n. 11, abr. 2018. Disponível em <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=8992>>. Acesso 20 set. 2021.

YANG, André Luiz Chaves; REIGOTA, Marcos; BARCHI, Rodrigo. Ecosofia Tropical, Educação Ambiental Canibal e a Aventura de Desnudar-se. **Linha Mestra** - Associação de Leitura do Brasil (ALB), Campinas, n. 35, p. 265-277, Mai.Ago., 2018. Disponível em <<https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/55/70>>. Acesso 07 fev. 2022.

CADERNOS DE ANOTAÇÕES.